

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

ANEXO AO PROCESSO Nº 255/2003
DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM: 04/10/05
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Laura Daniel

**MENINO BRINCA DE BOLA; MENINA DE BONECA E
CASINHA: TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS E
RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS
INFANTIS**

MARILIA
2005

Laura Daniel

**MENINO BRINCA DE BOLA; MENINA DE BONECA E CASINHA:
TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO
NAS BRINCADEIRAS INFANTIS**

**Marília – SP
2005**



LAURA DANIEL

**MENINO BRINCA DE BOLA; MENINA DE BONECA E CASINHA: TRANSMISSÃO
DE EXPERIÊNCIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS INFANTIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais (Área de Concentração: Ciências Sociais).

Orientadora: Profa. Dra. Ethel Volfzon Kosminsky.

1410001847



Marília - SP

2005



LAURA DANIEL

**MENINO BRINCA DE BOLA; MENINA DE BONECA E CASINHA:
TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NAS
BRINCADEIRAS INFANTIS**

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ethel Volfzon Kosminsky (orientadora)

Profa. Dra. Suely Amaral Mello – UNESP/Marília

Profa. Dra. Maria Regina Clivati Capelo - UEL



RESUMO

Levando-se em consideração as diferentes realidades em que vivem as crianças e jovens do Brasil, esta pesquisa busca conhecer e analisar as estratégias utilizadas por crianças de sete a onze anos de idade residentes no bairro Jardim São Dimas (composto por famílias de baixa renda) e nos bairros Jardim Botânico, Novo Horizonte e Campos do Botânico (composto por famílias de camadas sociais mais abastadas) da cidade de São Pedro-SP, para criar vínculos de sociabilidade entre si e na família. Através da formação de grupos infantis, dos brinquedos e das brincadeiras utilizados pelas crianças para sociabilizar-se umas com as outras e das relações familiares, procuramos apreender quais alternativas as crianças buscam a fim de vivenciar a infância. Para isto, procuramos conhecer as relações de sociabilidade, a formação dos grupos infantis, as relações de gênero desenvolvidas durante as brincadeiras, a transmissão de brincadeiras que outros membros da família experienciaram durante sua própria infância para as crianças, a utilização do computador/internet pelas crianças e a influência da família nas brincadeiras, principalmente no que diz respeito a brinquedos e brincadeiras historicamente atrelados ao universo masculino ou ao universo feminino.

Palavras-chave: Criança, brinquedos, brincadeiras, gênero, família.



ABSTRACT

Considering the different realities in which Brazilian children and young people live, this study seeks to know and analyze the strategies used by children ranging from seven to eleven years old living in Jardim São Dimas district (made up of low income families) and in Jardim Botânico, Novo Horizonte, and Campos do Botânico districts (made up of families with higher income), all in the city of São Pedro-SP, to create sociability bonds among themselves and in their own family. Through the formation of children groups, the toys and the games children use to establish social relations one another as well as family relationships, we have tried to learn which alternatives children look for so as to enjoy their childhood. For that purpose, we have tried to know about sociability relations, formation of children groups, gender relations developed during the games, as well as transmission of games that other members of the family experienced in their own childhood to children, the use of computer and the internet by children and the influence of the family in the games, mainly in what refers to the toys and games historically inserted in the masculine universe or in the family universe.

Keywords: Child, toys, games, gender, family.



Agradecimentos

Em primeiro lugar, e não poderia deixar de ser, agradeço a Professora Ethel pelo carinho, confiança e amizade demonstrados nos últimos sete anos - desde meu primeiro projeto de Iniciação Científica com apenas duas páginas, até hoje, ao finalizar a presente dissertação.

Às professoras da banca de qualificação e de defesa, Dra. Maria Regina Clivati Capelo e Dra. Suely Amaral Mello, agradeço a disponibilidade em participar da banca, as valiosas contribuições e as palavras de incentivo.

Aos meus pais - Tino e Gilda, pelas infinitas demonstrações de amor. Quando, por exemplo, buscavam-me na estrada às 4h00 da manhã nos momentos em que cumpria os créditos em Marília e lecionava em São Pedro.

Aos meus irmãos – Evandro e Henrique, pelas tantas vezes que me levaram à rodoviária. Ao Evandro, agradeço pelos bate-papos “intelectuais” e ao Henrique, por me ajudar a entender o mundo estranho dos computadores.

Às amigas Cristiane e Fabiana, pela torcida, mesmo sem entenderem muito bem o que é Sociologia.

A Erika, pela disposição em manter nossa amizade apesar da distância e pelo afeto que não se ofusca com o tempo.

A Rute e ao Allan, por me receberem tantas vezes em sua casa e pelas boas conversas nas quartas-feiras do segundo semestre de 2004.

Ao Aragão, pelos e-mails inesperados após meses de ausência, e que tanto alegram o dia quando surgem.

Ao Rodrigo, pelos livros emprestados na UNIMEP para que eu pudesse utilizá-los.

Ao Adriano, pelas palavras animadoras no período de provas para entrar no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais.

A CAPES, pela bolsa que tanto me auxiliou.

A Reitoria da UNESP e ao Professor Alberto Aggio (UNESP-Franca), pela oportunidade de conhecer a Espanha e a Universidade de Valência.

A todos os professores da FFC, seja dos tempos de graduação ou de pós, agradeço as fantásticas aulas e a indicação de caminhos a seguir.

Aos funcionários da FFC e, em especial, às meninas da Seção de Pós Graduação, pelo excelente trabalho, preocupação, responsabilidade e simpatia.

Aos meus alunos que, com o intuito de ensinar, acabei por ser aprendiz, e por tudo que ainda me ensinam.

Às crianças e às famílias informantes desta pesquisa, deixo o meu muito obrigada respeitoso e especial.

E por fim, ao Wesley, agradeço por iluminar, alegrar e acalmar meu coração, sempre.

A DOCE VIDA DAS MINHAS CRIANÇAS

O doce na boca das minhas crianças
É a bala perdida, no pai saciada.
O doce na boca das minhas crianças
É a caixa de chocolates comprometida,
Nos grandes magazines de semáforo,
Pelo próprio sustento.

Doce
Como o resto de açúcar
Que o inseto rouba no barraco.
Doce
Como a guloseima exposta no balcão,
Que ensina a revolta.
Doce
Como a glicose
Que na criança desnutrida é injetada.

Na mão do transeunte,
Está o doce cobiçado,
O carinho rejeitado.
Doce como o pólen que o beija-flor suga
Na nota que a mãe recebe de salário.
Doce como o algodão doce que o ambulante vende,
No caso das minhas crianças,
Somente o que atende os ferimentos
Da surra do pai embriagado.

Essa,
Em todos os carbonos de sua cadeira molecular,
Em todos os seus sabores e recheios,
É a doce vida das minhas crianças.

Tão doce
Como doce se torna
O beijo com que a morte,
Infelizmente primeiro,
Socorre o sofrimento.

Wesley C. Moraes



OS GRANDES

E falam de negócio.

De escrituras demandas hipotecas

de apólices federais

de vacas paridas

de éguas barganhadas

de café tipo 4 e 7.

Incessantemente falam de negócio.

Contos, contos, contos de réis saem,

circulam pela sala em revoadas,

forram as paredes, turvam o céu claro,

perturbando meu brinquedo de pedrinhas

que vale muito mais.

Carlos Drummond de Andrade

PIETER BRUEGEL



Kunsthistorisches Museum, Viena

Jogos infantis (1560, óleo sobre madeira, 118 × 161 cm).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - INFÂNCIA E GÊNERO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	19
1.1 - A CRIANÇA COMO ATOR SOCIAL	19
1.2 - GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE	24
CAPÍTULO 2 - FAZENDO A PESQUISA	29
CAPÍTULO 3 - TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS NAS BRINCADEIRAS INFANTIS	35
3.1 – “EU BRINCAVA DISSO QUANDO CRIANÇA”: O LÚDICO NO MUNDO DOS ADULTOS	35
3.2 – BRINCADEIRAS DE MENINO E BRINCADEIRAS DE MENINA: A INFLUÊNCIA DOS PAIS	46
CAPÍTULO 4 - A RUA COMO ESPAÇO LÚDICO	56
CAPÍTULO 5 - “A INFÂNCIA COMPUTADORIZADA”: VIDEOJOGOS E INTERNET NAS BRINCADEIRAS INFANTIS	80
5.1 – COMPUTADORES E INFÂNCIA: UM FENÔMENO RECENTE	80
5.2 – E OS PAIS? O QUE PENSAM DISTO?	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS – INFÂNCIA, GÊNERO E CAMADAS SOCIAIS: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103



INTRODUÇÃO

O que é que faz diferença entre meninos e meninas, em relação ao usufruto do tempo lúdico? Como são as relações de gênero durante as brincadeiras de rua? Como são os jogos infantis? Meninos e meninas gostam das mesmas brincadeiras? E como é que a família, em diferentes camadas sociais, influencia as brincadeiras e a construção dos papéis socialmente e culturalmente atribuídos a meninos e meninas? Mães e pais brincam com seus filhos? Ainda se fazem brinquedos em casa ou todos são comprados?

Nossas inquietações surgem juntamente com outras pesquisas que vêm sendo realizadas com crianças do Brasil e do mundo. Estas pesquisas nos mostram que as crianças são capazes de múltiplas relações desde que nascem e,

(...) os limites das ciências e das metodologias adotadas levantam novas temáticas, novas questões: o que as crianças das diferentes idades, ocupando diferentes espaços na esfera pública têm produzido? Saberes? Emoções? Transgressões? Rebeldias? Submissão? Como são as relações de poder? As relações de gênero nesta fase da vida? E os conflitos de classe? E as diferenças étnicas? Será que as crianças sempre imitam os adultos? O que elas têm feito ao longo da história, continuamente e até mesmo repetitivamente, que os adultos ainda não conseguem entender? Portanto, esta criança sujeito de direitos passa a ser um outro objeto de pesquisa ou pelo menos um redimensionamento do mesmo objeto. (GOULART DE FARIA, 2002, p.viii)

Quando pensamos em estudar as crianças, em qualquer contexto que seja, necessitamos primeiramente refletir sobre quem é esta criança e de qual infância estamos falando. É impossível tratar dos relatos de

crianças pensando que todos eles são da mesma natureza. A heterogeneidade dos tipos de criança, do tipo de infância, é uma questão que o pesquisador sempre se deve colocar.

Segundo Demartini, no estudo com crianças é necessário:

(...) não apenas conhecê-los enquanto grupos sociais distintos, com vivências e culturas diferentes daquelas encontradas entre os grupos mais velhos, mas, principalmente, escutá-los para podermos enfrentar juntos os sérios problemas que a sociedade brasileira atual nos coloca. (DEMARTINI, 2002, p.2)

Antes de se iniciar qualquer pesquisa cujos sujeitos sejam crianças, é preciso desvendar inicialmente a história de cada criança, do grupo a que esta criança pertence e do grupo a que está ligada no momento da pesquisa, quer dizer, se é um grupo escolar, se é uma instituição, se é uma creche, se é a rua, entre outros.

Neste trabalho, nos propomos a estudar as brincadeiras de crianças de sete a onze anos, as relações de gênero durante estas brincadeiras, e também, na família, de crianças provenientes de diferentes camadas sociais da cidade de São Pedro – localizada no interior do Estado, a 180 quilômetros da capital.

Inicialmente, pensamos em selecionar famílias de um bairro periférico da cidade (Jardim São Dimas) e famílias de um bairro com moradores das classes mais abastadas (Jardim Botânico), além de conversar com as crianças durante suas brincadeiras nas ruas do bairro periférico (pois já havíamos verificado que as crianças brincavam nas ruas) e também no bairro das camadas mais abastadas - se também aí existissem brincadeiras nas ruas. No entanto, tivemos dificuldades em



encontrar famílias dispostas a nos conceder entrevistas no bairro Jardim Botânico, o que demonstraremos a seguir, quando explicitaremos os primeiros passos em busca de nossos informantes.

O COMEÇO DE TUDO

O tema desta pesquisa surge a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada nos anos de 2000 e 2001 no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília. Trata-se da pesquisa “Brinquedos e Brincadeiras: a infância na favela Parque das Nações”. Neste trabalho, analisamos as brincadeiras de rua da favela Parque das Nações, na cidade de Marília/SP, as relações de sociabilidade entre as crianças e suas famílias, além da análise das falas das crianças acerca da escola, da favela onde viviam, da cidade e dos sonhos para o futuro. E foi através desta pesquisa de Iniciação Científica, realizada com bolsa da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que nasceu o desejo de entender, através de diferentes camadas sociais, como se estruturam as relações de gênero entre meninos e meninas durante suas brincadeiras e a influência da família nestas brincadeiras.

Desta forma, elaboramos o projeto de Mestrado propondo tais discussões em dois bairros da cidade de São Pedro/SP - cidade onde nasceu e reside a pesquisadora. Para a realização da pesquisa, optamos



por entrevistar famílias do bairro Jardim São Dimas (bairro periférico e pobre da cidade) e do bairro Jardim Botânico (bairro com famílias de camadas mais abastadas).

Para dar início às entrevistas, percorremos o bairro Jardim São Dimas à procura dessas famílias e não tivemos maiores problemas em encontrar diferentes composições familiares e pedir para que as pessoas nos concedessem entrevistas. Escolhemos famílias com composições familiares diferentes – algumas com meninos e meninas, outras somente com meninos, algumas somente com meninas e também famílias com uma única criança. Quando as composições começaram a se repetir, fechamos nosso grupo de pesquisa no bairro Jardim São Dimas com dez famílias e, desta forma, optamos por entrevistar dez famílias também no bairro Jardim Botânico. Entretanto, no bairro Jardim Botânico não obtivemos a mesma disponibilidade de atendimento. Encontramos famílias com crianças dentro da idade delimitada na pesquisa, mas mães e pais não demonstraram interesse em nos conceder entrevistas. Por mais que explicássemos os fins científicos do trabalho, alegaram que não tinham tempo ou que não tinham interesse, e também houve mulheres que alegaram que o marido não iria gostar.

As falas das mulheres quando alegavam que o marido poderia “não gostar” nos despertaram inquietações, já que nos demonstra de maneira transparente as relações permeadas pelo poder e pela autoridade que continuam exercendo influência na família contemporânea, e que não



pertencem ao passado, como querem alguns, mas que estão presentes na família de nossos dias.

Quanto à autoridade atribuída ao marido, Romanelli salienta:

De acordo com o modelo hegemônico de família nuclear, que se concretizava na maior parte das unidades domésticas, a autoridade masculina, de marido e de pai, concentrava-se na figura do "chefe da família", tal como esse era qualificado no plano das representações e, até recentemente, no plano jurídico. Nessas circunstâncias, a autoridade masculina fundava-se, de um lado, nas relações de parentesco que um determinado sujeito criava com os outros componentes da unidade doméstica e na sua condição de único, ou principal provedor financeiro da família. Por outro lado, a autoridade do chefe de família assentava-se no saber paterno e tinha um caráter institucional. (ROMANELLI,2005,p.81)

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, as relações no âmbito familiar começam a tomar outras formas, nas quais a mulher desempenha um papel menos subserviente na família.

Ainda segundo Romanelli:

Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundava em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias. Nessa sequência, as formas de sociabilidade entre gêneros passam a ser mais equilibradas, sem que isso elimine as relações hierarquizadas e a dominância masculina na família. A incorporação de modalidades alternativas de conduta entre os gêneros não se distribui do mesmo modo nas diferentes camadas sociais, tendendo a ocorrer com maior frequência entre os segmentos das camadas médias com maior grau de escolarização e mais abertos a inovações culturais. (ROMANELLI,2005,p.77)

Sabemos que a incorporação de algumas condutas nas relações de gênero não se distribuiu da mesma maneira nas diferentes camadas sociais e, segundo Romanelli, os segmentos das camadas médias tendem a aceitar com mais facilidade os novos papéis sociais de marido e de esposa, modificados, com já dissemos, após a entrada da mulher no

mercado de trabalho. No entanto, mesmo tratando-se de mulheres pertencentes a camadas sociais mais abastadas, como no Jardim Botânico, estas recusaram o convite para a participação na pesquisa, para não desobedecer a autoridade do marido.

Gostaríamos de salientar também o desconforto a cada **não** recebido no bairro, já que os moradores não foram receptivos, ainda que explicássemos de maneira detalhada os fins científicos do trabalho.

Ao percebermos que seria difícil conseguir dez famílias dispostas a colaborar com a pesquisa neste bairro, optamos por solicitar às quatro mães das primeiras quatro casas do bairro que nos concederam entrevistas, para que as mesmas nos indicassem amigas ou amigos que tivessem filhos com a mesma idade, que estudassem em colégios privados e que também residissem em bairros residenciais de classe média-alta da cidade. E foi desta maneira que uma das mães do Jardim Botânico nos indicou duas famílias do bairro Novo Horizonte, cujas crianças estudavam no mesmo colégio que seus filhos. E foi com uma destas mães do bairro Novo Horizonte que conseguimos completar nosso número de famílias, pois ela é psicóloga e se interessou bastante pela pesquisa, nos indicando mais duas famílias vizinhas de seu bairro, e também mais duas famílias do bairro Campos do Botânico.

Trataremos, no decorrer do trabalho, de crianças e famílias de camadas sociais diferentes. Desta forma, o tempo todo trataremos de duas definições que construímos a partir dos dados encontrados. São elas:



-Famílias de camadas subalternas ou famílias da periferia: residem em habitações precárias, em situação de subemprego ou de emprego com baixa remuneração, as crianças freqüentam escolas públicas, não possuem brinquedos industrializados, etc.

-Famílias das camadas mais abastadas: habitam em bairros novos da cidade, com casas de mais 200 metros quadrados de construção, pais com boa ocupação profissional, crianças em escolas privadas, acesso a computador, videojogos, etc.

Essa classificação foi construída a partir de dados que encontramos na cidade onde realizamos a pesquisa. Assim, é válida para o local estudado. Possivelmente essas informações guardem semelhanças com as que poderiam ser encontradas em cidades de porte semelhante à pesquisada.

No contato com os membros das famílias das crianças dos quatro bairros, pensamos, a princípio, em entrevistar quem se dispusesse a ser entrevistado. No caso de casas em que residissem pai, mãe, avôs, avós, etc., poderíamos entrevistar todos. No entanto, encontramos muitas dificuldades em encontrar o pai em casa devido ao fato de estar sempre trabalhando fora e, desta maneira, optamos por entrevistar as mães na grande maioria das famílias, e também avós e avôs.

Nas entrevistas, procuramos apreender quais são os brinquedos prediletos das crianças, quais as suas brincadeiras preferidas, se há interação entre meninos e meninas nas brincadeiras, como os pais



enxergam as brincadeiras dos filhos e se os pais acreditam que existem brincadeiras pré-determinadas para meninos e para meninas.

A CIDADE: UM POUCO DA HISTÓRIA DE SÃO PEDRO

O capitão Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o capitão João Lopes França e também José Andrade de Vasconcelos requereram e obtiveram uma Sesmaria nas terras devolutas às margens do Rio Piracicaba, que se tornou conhecida como “Sesmaria do Limoeiro”, com a obrigação de povoá-la. Isto foi no dia 11 de novembro de 1807.

Com a abertura de um caminho ligando a Sesmaria do Limoeiro à Vila da Constituição (hoje Piracicaba), houve prosseguimento desse caminho no sentido Oeste que se tornou conhecido como Picadão, caminho este que os antigos tropeiros utilizavam para penetrar nos sertões da Araraquara.

Pela necessidade de um pouso, os tropeiros escolheram um local entre os ribeirões Samambaia e Pinheiro devido à fartura de água, e aí constituíram um rancho, um curral para as tropas, etc. Foi neste lugar que se iniciou a povoação de São Pedro.

Não se conhece com exatidão a chegada dos irmãos Teixeira de Barros (Joaquim, José e Luiz) nesta região. De acordo com um estudo realizado pelo primeiro Juiz de Direito de São Pedro, admite-se que foi a partir do ano de 1844, ano da anistia da Revolução Liberal de Itu, que

eles deixaram aquela cidade com uma prole numerosa e vieram para a povoação de São Pedro. Como legítimos bandeirantes, adquiriram a “Sesmaria do Pinheiro”, colonizando-a e desdobrando-a em fazendas.

Em 1856, Joaquim Teixeira de Barros (considerado o fundador da cidade), construiu a primeira capela, que logo ficou conhecida como “Capela do Picadão” pelos viajantes que demandavam para os sertões de Araraquara. Estava assim implantado naquele pequeno arraial, o símbolo da cristandade.

Enquanto a população crescia lentamente, novas famílias vindas de fora iam adquirindo terras e abrindo fazendas e, pouco tempo depois, a povoação já era conhecida como Freguesia de São Pedro – denominação administrativa e eclesiástica dada a uma população dotada de Capela Curada e pároco. A Lei do Império de 15 de outubro de 1827 criou, em cada Capela Curada, o cargo de Juiz de Paz, que era a autoridade máxima. Cumpria-lhe presidir a justiça no tocante a inventários, testamentos, heranças, curatelas de órfãos e, ainda, decidir em questões policiais.

Por votação, houve a escolha do Sr. Francisco Gonçalves, fazendeiro da região, como o primeiro Juiz de Paz na antiga Freguesia de São Pedro.

Já em 1879, a Freguesia de São Pedro foi elevada à Vila e, em 1883, pela Lei Provincial n. 42 de 22 de fevereiro, a Vila foi elevada a município, verificando-se a sua instalação em 11 de fevereiro de 1883,



conforme consta em ata do juramento de posse da sua primeira Câmara Municipal.

Entre 1890 e 1895, entraram em São Pedro dezenas de famílias italianas que vieram dedicar-se ao trabalho nas fazendas e cafezais. A chegada da Estrada de Ferro Sorocabana se deu no dia 14 de outubro de 1904, com a inauguração do trecho Charqueada-São Pedro. A introdução do bordado em São Pedro se deu no ano de 1929 por Dona Joana de Barros Furlani. Durante sua permanência na cidade, começou a ministrar aulas a dezenas de alunas. A partir de 1940, o bordado tornou-se conhecido do público, tornando-se um ramo de negócio, principalmente nas compras efetuadas pelos turistas.

SÃO PEDRO HOJE

Atualmente São Pedro possui 31.858 habitantes¹, constitui-se como município turístico e sua economia é baseada principalmente no comércio voltado aos turistas. Há também mais de 30 fábricas de bordados e de tecidos para realização de bordado na cidade. No entanto, São Pedro deixou de ser a “Capital do Bordado” como era conhecida há cerca de vinte anos – esta atividade já não é a principal atividade econômica da cidade.

São Pedro hoje é conhecida como um centro turístico dotado pela natureza inexplorada e pela salubridade de seu clima, consagrando-se

¹ Dado referente à última pesquisa demográfica realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano 2002.



como uma das mais saudáveis cidades localizada no centro geográfico do Estado de São Paulo.

Há centenas de residências cujas famílias deslocam-se para a cidade nas férias ou finais de semana, gerando uma população flutuante de 5.000 habitantes aproximadamente.

Outro fator que acarreta visitas turísticas ao município é o fato de a Estância Turística de Águas de São Pedro estar localizada a 8 km da cidade. Desta maneira, grande parte da população que se hospeda em Águas de São Pedro, também visita São Pedro devido à proximidade.

OS BAIRROS PESQUISADOS

O bairro Jardim São Dimas

O início do bairro Jardim São Dimas data do ano de 1983 – com cerca de 10 casas, e hoje se encontra com mais de 200 casas e uma população de aproximadamente 1.500 moradores.

As casas são, em sua maioria, de alvenaria. Esta particularidade se dá devido à urbanização realizada na antiga favela no ano de 1994, através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano do município, quando os terrenos foram legalizados em nome dos moradores pela Prefeitura Municipal. No entanto, hoje, ao final do bairro (cerca de dois quilômetros antes de se chegar à estrada que liga o município de São Pedro aos



municípios de Charqueada e Rio Claro), podemos encontrar novos barracos de famílias que não têm onde morar.

O bairro Jardim São Dimas é considerado, por grande parte dos moradores da cidade, “a favela de São Pedro”, “o caos de São Pedro”, ou até mesmo, nas palavras de uma candidata a Prefeitura Municipal nas últimas eleições, “o câncer de São Pedro”. Na cidade, há um preconceito muito grande em relação aos moradores do bairro, já que é o único bairro onde podemos encontrar barracos na cidade. Há muitas associações que são feitas de imediato quando ocorre algum roubo ou furto na cidade. Antes mesmo do caso ser analisado pela polícia, muitas pessoas condenam: “-Só pode ser gente lá do São Dimas que fez”.

O bairro possui características típicas de um bairro de periferia, como casas sem pintura, ou então sem portão, roupas penduradas na frente das casas por falta de espaço nos fundos, campinhos de futebol nos terrenos baldios, entre outras características.

O bairro também possui uma creche, uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) e um posto de saúde, além de dois pequenos mercados, lojas, uma padaria, uma farmácia e alguns bares.

Os bairros Jardim Botânico, Novo Horizonte e Campos do Botânico

Os referidos bairros são recentes na cidade (não chegam a completar dez anos). Os três foram planejados e os lotes vendidos com



toda a infra-estrutura necessária. Todos os três localizam-se em lugares privilegiados, de onde pode se observar a cuesta que rodeia parte da cidade e suas quedas de água.

As casas construídas possuem, na maior parte, mais de 200 metros quadrados e são muito bonitas. Todas as crianças das famílias entrevistadas estudam em escolas privadas e algumas freqüentam outros cursos, como natação, inglês, ballet, ou aprendem a tocar algum tipo de instrumento.

Abaixo relacionaremos a composição familiar daqueles que nos concederam entrevistas. Inicialmente explicitaremos as famílias do bairro Jardim São Dimas e, em seguida, as famílias dos bairros Jardim Botânico, Novo Horizonte e Campos do Botânico.

AS FAMÍLIAS DO BAIRRO JARDIM SÃO DIMAS

FAMÍLIA 1: **Pai** – gramador (assenta grama em jardins de casas, piscinas, chácaras, entre outros). **Mãe** – do lar. **Crianças:** Quatro meninos com idades de 11, 09, 05 e 02 anos e duas meninas com idades de 09 anos e 08 meses.

FAMÍLIA 2: **Pai** – pedreiro (trabalha por conta própria – não é funcionário de empreiteira). **Mãe** – do lar. **Irmão da mãe** – reside junto na



casa (eletricista). **Crianças:** Três meninas com idades de 11, 09 e 07 anos.

FAMÍLIA 3: As crianças residem com os **avós maternos** (aposentados). Os pais residem na zona rural da cidade e visitam os filhos às vezes, segundo a avó. Os **pais** são caseiros de uma chácara e, segundo a avó, o patrão não permite crianças na chácara. **Crianças:** uma menina de 09 anos e um menino de 08 anos de idade.

FAMÍLIA 4: **Pai-** vigilante noturno de uma casa de materiais para construção. **Avós paternos** (aposentados). **Criança:** menino de 08 anos de idade. A mãe fugiu com o namorado e deixou o filho com o pai. Quando voltou, perdeu a guarda da criança.

FAMÍLIA 5: **Mãe** – viúva (recebe a pensão do marido e também faz faxina para completar a renda familiar). **Crianças:** Dois meninos com idade de 09 e 06 anos.

FAMÍLIA 6: **Mãe** – divorciada (não recebe pensão, pois o ex-marido encontra-se desempregado). É diarista e recebe uma cesta básica da igreja que frequenta. **Crianças:** Duas meninas com idade de 12 e 10 anos e dois meninos com idade de 06 e 04 anos. As irmãs ficam com os irmãos mais novos para a mãe trabalhar.

FAMÍLIA 7: **Pai** –desempregado. **Mãe** – diarista. **Crianças:** Duas meninas com idade de 07 anos e 09 meses e um menino com 06 anos. A mãe paga para a vizinha ficar com o bebê nos dias em que faz faxina.

FAMÍLIA 8: **Pai** – pedreiro (trabalha por conta própria – não é funcionário de empreiteira). **Mãe** – diarista. **Crianças:** dois meninos com idade de 13 e 11 anos e uma menina com 09 anos.

FAMÍLIA 9: **Pai** – funcionário da Prefeitura Municipal (trabalhador braçal). **Mãe** – do lar. **Crianças:** cinco meninas com idades de 09, 08, 04, 03 anos e uma com 04 meses e dois meninos com idades de 06 anos e 01 ano e meio.

FAMÍLIA 10: **Pai** - recepcionista em hotel da cidade. **Mãe** – do lar. **Crianças:** dois meninos de 09 e 04 anos e uma menina de 08 anos.

AS FAMÍLIAS DOS BAIRROS JARDIM BOTÂNICO, CAMPOS DO BOTÂNICO E NOVO HORIZONTE

FAMÍLIA 1: **Pai** – lutador de vale tudo (tipo de luta em que vale tudo, menos cabeça, área genital e estômago) – reside em Niterói. **Mãe** – sócia-proprietária de supermercado no centro da cidade de Águas de São



Pedro (cidade vizinha a 08 quilômetros de São Pedro). **Crianças:** dois meninos com idades de 09 e 03 anos.

FAMÍLIA 2: **Pai** – professor do Ensino Médio em escola privada da cidade. **Mãe** – professora de Ensino Fundamental em escola privada da cidade. **Crianças:** menino de 09 anos que foi adotado ainda bebê e menina de 08 anos que foi adotada aos 06 anos.

FAMÍLIA 3: **Pai** – comerciante em São Paulo (possui duas lojas de tecidos). O pai trabalha em São Paulo e vem para a cidade nos finais de semana, férias e feriados. **Mãe** – do lar. **Crianças:** três meninos com idade de 10, 08 e 05 anos.

FAMÍLIA 4: **Pai** - comerciante (possui uma loja de roupas para adultos – roupas femininas e masculinas). **Mãe:** pinta tecidos e faz outros artesanatos para vender. **Criança:** menina de 09 anos.

FAMÍLIA 5: **Pai** - professor de Ensino Médio em uma escola pública e em uma escola privada. **Mãe** – professora de Ensino Médio em uma escola privada. **Crianças:** um menino de 09 anos e uma menina de 08 anos.

FAMÍLIA 6: **Pai** - trabalha em empresa de produtos farmacêuticos de São Paulo. Vem para a cidade somente nos fins de semana, férias e



feriados. **Mãe** – professora de Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública da cidade. **Crianças:** duas meninas com idade de 09 e 07 anos.

FAMÍLIA 7: **Pai** – mecânico de automóveis (proprietário de uma oficina mecânica). **Mãe** – psicóloga (possui consultório). **Criança:** menina de 08 anos.

FAMÍLIA 8: **Pai** – Comerciante (proprietário de pequeno mercado). **Mãe** - dentista (possui consultório). **Crianças:** uma menina de 10 anos e dois meninos com idades de 08 e 05 anos.

FAMÍLIA 9: **Pai** - funcionário da Prefeitura Municipal (trabalha na tesouraria). **Mãe** - comerciante (possui loja de roupas, sapatos e peças íntimas femininas). **Criança:** um menino de 10 anos.

FAMÍLIA 10: **Pai** – Gerente de uma locadora de carros em São Paulo. **Mãe** - do lar. **Crianças:** um menino de 11 anos e uma menina de 06 anos.

Quanto à composição das famílias, estas são formadas de maneiras distintas nas camadas sociais pesquisadas. No bairro Jardim São Dimas, encontramos famílias com grande número de filhos, pais separados, mães viúvas e avós que criam os netos. Já nos outros bairros

não encontramos tais características. Não estamos afirmando que o índice de divórcio é menor entre as famílias com melhor situação sócio-econômica ou que não haja avós que criam os netos, mas apenas que este foi o quadro encontrado entre as famílias selecionadas para a pesquisa.



CAPÍTULO 1 – INFÂNCIA E GÊNERO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

1.1 – A criança como ator social

Até a década de 1990, os estudos sobre a infância eram de domínio exclusivo da Psicologia e da Educação, ficando a História, a Sociologia e a Antropologia distanciadas destes atores sociais.

Os sociólogos da infância reuniram-se pela primeira vez em 1990, no Congresso Mundial de Sociologia e, a partir daí,

(..) criaram-se organizações de âmbito nacional no Reino Unido, na ex-República Federal Alemã, na França, nos países nórdicos e nos Estados Unidos da América, onde num curto espaço de tempo se associaram mais de 450 pessoas. (QUINTEIRO, 2002, p. 23)

Inicia-se, então, um outro olhar sobre a infância, no sentido de identificar a sua presença no desenvolvimento do pensamento sociológico, e também no sentido de descortinar as razões da sua gritante ausência nas correntes clássicas deste pensamento.

A observação de que as crianças, se não estavam ausentes das Ciências Sociais, ocupavam aí apenas um lugar marginal constituiu um ponto de partida para a organização dos estudos sobre elas. As crianças estão ativamente presentes na vida social, e nós, pesquisadores, podemos e devemos estudar suas vidas cotidianas, seus relacionamentos, suas vivências, suas identidades, seu saber e sua cultura.

Segundo Leena Alanen:

O afastamento do ponto de vista adultista e da perspectiva voltada para o futuro sugeriu que as novas abordagens agora precisavam ser centradas na criança: focalizariam diretamente as crianças, como sujeitos falantes, atuantes e que vivem experiências com seus próprios pontos de vista sobre o mundo no qual vivem – conosco. (ALANEN, 2001, p.71)

E ainda:

(...) a infância constitui uma categoria social que tem sido injustiçada, com conseqüências de distorcer seu lugar social e suas contribuições. Significa também que para os novos estudos das crianças há paralelos e mesmo modelos que sugerem possíveis caminhos a percorrer, e instrumentos conceituais a experimentar no desenvolvimento de uma Sociologia que desta vez vai levar a sério as crianças. (ALANEN, 2001, p.72)

É interessante observar que os primeiros elementos de uma Sociologia da Infância, tanto em língua inglesa quanto em língua francesa, vão surgir e fixar-se principalmente por oposição à concepção de infância considerada simples objeto passivo de uma socialização orientada por instituições. A criança passa a ser compreendida como um ator social e sujeito de pesquisa, porém com um outro olhar, mesmo nas áreas do conhecimento que já a contemplavam, como a Educação.

Wille Bolle, no prefácio do livro de Walter Benjamin, afirma:

A criança não é uma miniatura do cosmos adultos; bem ao contrário, um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar todavia a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando. (BOLLE, 1984, p.13)

Régine Sirota, ao analisar a produção dos sociólogos franceses, ressalta que a infância será essencialmente reconstruída como objeto sociológico através dos seus dispositivos institucionais, como a escola, a família e a justiça. A releitura crítica do conceito de socialização e de suas



definições funcionalistas levará tais pesquisadores a considerar a criança como ator. Para compreender tal fenômeno, escreve a autora:

(...) mesclam-se de imediato fatores ligados tanto à história das Ciências Sociais, à Sociologia Geral e suas divisões de campos, quanto à evolução específica da Sociologia da Educação, os quais refletem diretamente à evolução do objeto social e os debates públicos particularmente intensos que o envolvem. (SIROTA, 2001, p. 8)

A releitura crítica dos conceitos de socialização e de suas definições funcionalistas leva a considerar a criança como ator. Ainda para Sirota,

(...) entre os sociólogos da infância, a redescoberta da Sociologia interacionista, a dependência da fenomenologia, as abordagens construcionistas vão fornecer os paradigmas teóricos dessa nova construção do objeto. (SIROTA, 2001, p.10)

Assim como demonstramos anteriormente, o projeto de se estudar a infância na Sociologia nasce nos anos de 1990. No entanto, no ano de 1944, o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes já havia sido despertado pelo mundo das crianças e suas brincadeiras e, dando asas a este despertar, realizou uma pesquisa sobre o folclore infantil paulistano do bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo, com o título "As trocinhas do Bom Retiro".

Esta obra trata do registro, até então inédito, de elementos constitutivos da cultura infantil, captados a partir de uma etnografia sobre grupos de crianças residentes no bairro do Bom Retiro, que após o período da escola, se juntavam nas ruas para brincar. Entendendo a criança como participante ativo da vida social, Florestan Fernandes observa, registra e analisa o modo como se realiza o processo de

socialização das crianças, como constroem seus espaços de sociabilidades, quais as características destas práticas sociais, e como se constituem as *culturas infantis*.

Roger Bastide - na época professor e orientador de Florestan Fernandes, - escreve o prefácio deste estudo, defendendo a necessidade de se multiplicarem as pesquisas deste tipo e ressaltando a importância de se estudar as representações infantis, conhecer mais sobre as paixões do mundo dos brinquedos, das brincadeiras e jogos. Segundo ele:

(...) para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança. Não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo. (BASTIDE, 1979, p.154)

José de Souza Martins, ao organizar a coletânea de textos *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*, elege a criança como testemunha da história, por reconhecer que são elas, nos dias atuais, os principais portadores da crítica social. Desse modo, desafia a tendência até então presente entre os cientistas sociais de interessar-se somente por

(...) informantes que estão no centro dos acontecimentos, que têm um certo domínio das ocorrências, que têm, supostamente, uma visão mais ampla das coisas, que são os arquitetos da cena e da encenação social. (MARTINS, 1993, p.18)

Assim, Martins estimula e orienta que se dê a palavra à criança nas pesquisas.

Obviamente, não basta dar apenas voz às crianças. É necessário interpreta-la à luz dos referenciais existentes no campo das Ciências

Sociais e, certamente, interpretar as representações sociais das crianças permite ao pesquisador ir além do acesso à infância como categoria social, pois permite-lhe “ir às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças”. (SARMENTO & PINTO, 1997, p.25).



1.2 – Gênero como categoria de análise

A categoria gênero entra em cena a partir dos anos de 1970, utilizada pelas feministas estadunidenses como uma análise que permite rejeitar as diferenças sexuais pautadas na determinação biológica. Incorporada pelas Ciências Sociais, a categoria gênero diferencia o sexo social (construído social e culturalmente e que determina os papéis e comportamentos atribuídos a homens e mulheres, variando no tempo e no espaço), do sexo biológico.

Às Ciências Sociais, coube o estudo das relações de gênero, seja no ambiente de trabalho (na cidade ou no campo), na universidade, na família, na escolha das profissões, entre outros. Com relação às crianças, existem estudos na área da Educação e da Psicologia, e hoje também na História, Antropologia e Sociologia, que trazem à tona, no que diz respeito às relações de gênero e às formas de socialização e de sociabilidade, as diferentes infâncias na escola, na família, no campo e também as brincadeiras infantis.

Nas relações de gênero, o poder é distribuído de forma desigual, embora se encontre tanto no homem, quanto na mulher, e tanto no menino, como na menina. Saffioti afirma que:

(...) nos dois pólos da relação existe poder, ainda que em doses desiguais. Não se trata de uma hierarquia, mas de uma condição. Em todas as sociedades conhecidas as mulheres detêm parcelas de poder que lhes permitem manter cunhas de supremacia masculina e, assim, cavar, gerar espaços nos interstícios da falocracia. As mulheres, portanto, não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas também, mercê da luta que

travam com os homens pela ampliação-modificação da estrutura do campo de poder tout-court. Como na dialética entre o senhor e o escravo, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes. O primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania. (SAFFIOTTI, 1992, p. 183-184)

Neste sentido, através do estudo das relações de gênero durante as brincadeiras infantis, podemos nos aproximar dos conceitos que meninos e meninas de camadas sociais distintas concebem sobre “papéis masculinos”, “papéis femininos”, interação social de ambos os sexos, respeito, hierarquia, limites, entre outros, e também como as famílias podem ou não influenciar as brincadeiras das crianças em relação ao sexo. Devemos destacar que nosso intuito é entender como se dão os papéis sociais de meninos e meninas e quais as relações sociais estabelecidas entre eles nas brincadeiras e também nas relações familiares, no entanto não discutiremos a questão do poder e da dominação, o que demandaria um outro enfoque em nossa pesquisa.

A acepção de gênero como categoria de análise, nos moldes mais atualizados de pesquisa social, evoluiu de estudos feministas, cuja maior preocupação dizia respeito às problemáticas da condição feminina, trazendo questões tais como violência doméstica, saúde da mulher e sexismo na educação. Embora estes temas ainda estejam presentes e mereçam relevância, o direcionamento teórico-metodológico vem ampliando essas questões e buscando contextualizá-las em termos relacionais.

Sobre o conceito de gênero, Alanen afirma:

Para mim o conceito de gênero é um poderoso recurso a ser tomado por empréstimo aos estudos feministas e utilizado para



os estudos das crianças. As crianças também têm gêneros, é claro, mas a utilidade da noção de gênero está além disso. Pois gênero é essencialmente um conceito de relação – mas infância também o é. Num sentido sociológico, “crianças” e “adultos” são nomes dados a duas categorias sociais que estão posicionadas entre si dentro de uma relação de gerações. Assim, aqui o aperfeiçoamento da lógica da relação de gênero, conforme está desenvolvida dentro dos estudos feministas, proporciona inspiração também para se repensar as crianças em termos de relacionamento. (ALANEN, 2001, p.73)

A divisão dos papéis sociais de homem e de mulher são interiorizados por estes (homens e mulheres), ainda na infância, seja nas relações familiares, na escola, entre os amigos ou nas relações de sociabilidade das crianças durante as brincadeiras e jogos. A divisão dos papéis sociais de gênero, ou de sexo, como salienta Bourdieu, chega a parecer natural, normal, inato ao ser humano e, portanto, as crianças recebem, o tempo todo, indicativos de qual seria seu papel e sua função na vida em sociedade. Para Bourdieu:

A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (...) em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 1999, p.17)

Scavone, citando o conceito de *habitus* de Bourdieu, considera que:

É através do *habitus* que se dá a incorporação desses valores, constituindo o que se pode chamar de uma “segunda natureza”: essa atribuição de valores ditos masculinos ou femininos configuraram sociedades através dos séculos. Esse mesmo *habitus* incorporado determina a própria maneira de ser das pessoas que, são por seu lado, confirmadas pelas estruturas sociais. Assim, milenamente, os jogos sociais estão definidos a partir da divisão dos sexos e toda a engrenagem incorporada pelo *habitus* envolve homens e mulheres como parte desse jogo dificultando e muitas vezes impossibilitando que rompam as regras estabelecidas para as relações entre os sexos. (SCAVONE, 2004, p.3)

Desta maneira, queremos compreender como as crianças incorporam os valores chamados de femininos e masculinos em suas brincadeiras, sejam elas nas ruas, no clube ou no espaço da casa. Whitaker afirma que a socialização das crianças e dos adolescentes, evidencia os privilégios diferenciados nas relações de gênero. Segundo a autora:

(...) Esta luta é por vezes dolorosa para a maioria das mulheres e dos homens submetidos na infância e na adolescência a socializações calcadas em privilégios diferenciados, os quais não conseguem estabelecer pontes entre aquilo que eu chamo de subcultura masculina em contraponto a uma subcultura feminina. (WHITAKER, 2002, p.46)

Gobbi ressalta que o conceito de gênero começa a comparecer assiduamente em pesquisas a partir do momento em que se busca perceber e discutir aspectos socioculturais *versus* biológicos no comportamento, entendendo que "cada sexo, que é biológico, escolhe e constrói seu gênero, lançando mão dos termos sociais disponíveis". (GOBBI, 1996, p.27).

Assim, as relações sociais, de formas mais ou menos sutis, vão estruturando a condição de ser mulher e de ser homem, numa sociedade historicamente construída e constituída por e para homens, e que hoje passa por mudanças, ainda que não tão visíveis.

Para debruçar-se sobre as brincadeiras de meninas de uma área rural no interior do Rio de Janeiro, Pereira Leite passeou "pelas

configurações familiares locais e sua estrutura de trabalho a fim de buscar captar, ao menos em parte, este pano de fundo sociocultural". (PEREIRA LEITE, 2002, p.35).

Na região estudada, grande parte dos brinquedos disponíveis (bonecas, peteca, casinha, bola) era feita pelas próprias crianças ou era a reapropriação de outros instrumentos (paus, carrinhos de mão, cabos de vassoura, latas, bicicletas), tornando-os, de certa forma, mais plurais. A autora pôde apreender que, quanto mais dinâmica a relação possível com o brinquedo, mais diversa era a experiência vivida, maior multiplicidade de variáveis eram levantadas, uma vez que é a criança quem confere significados ao brinquedo ao longo da brincadeira. Isso não invalidou, entretanto, a constatação de que, "desde pequenos, meninos e meninas são 'encaminhados' a brinquedos e brincadeiras diferentes. E essa discriminação aumenta com a idade". (PEREIRA LEITE, 2002, p.36). Desta maneira, conduziremos nosso estudo da seguinte forma: colocando a infância e a questão de gênero na ordem do dia, e ressaltando, como sugere Maria Odila L. S. Dias², "a importância de buscar os sujeitos das práticas, incoerentes, seres sem nome, fora da certeza do genérico, da verdade, do que é dito e visto como útil".

² Maria Odila Leite da Silva Dias. Conferência de Abertura no XIV Encontro Regional de História da ANPUH. Interpretações e Sujeitos na História.



CAPÍTULO 2 – FAZENDO A PESQUISA

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz:

(...) as técnicas de registro em Ciências Sociais tiveram considerável avanço no século XX, por várias razões, entre as quais o aparecimento de uma multiplicidade de invenções mecânicas, tais como a fotografia, o cinema, o gravador (continuador do fonógrafo), a televisão, com o video-cassete, que permitem um contato muito estreito do pesquisador com o material, ou com os informantes, sem passar pelo intermediário muitas vezes incômodo que é a escritura. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1991, p.22)

Em nossa pesquisa, optamos por utilizar o registro da informação através da entrevista semi-estruturada com utilização de gravador e também através da observação, pois estes registros permitem coletar informações que jamais seriam percebidas com a utilização de questionários. Optamos por esta técnica devido aos limites que os questionários ocasionam e também por experiência em pesquisa realizada no ano de 2001³.

Ainda para Maria Isaura:

Os questionários, compostos de indagações diretas, limitam as respostas ao que parece essencial, definem com aparente precisão a coleta a ser efetuada, e já indicam o roteiro para a confecção de relatórios. Já os registros gravados constituem uma abertura às investigações de todos os grupos e camadas sociais poucos atingidos pelos registros escritos, como os grupos indígenas, o campesinato, as camadas inferiores

³ Trata-se da pesquisa *Brinquedos e Brincadeiras: a infância na favela Parque das Nações* (trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, defendido na Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília, no ano 2001, sob orientação da Profa. Dra. Ethel Volfzon Kosminsky, com bolsa de Iniciação Científica da FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo).



urbanas. O questionário ou a entrevista com roteiro demonstram as preocupações do pesquisador, isto é, são impostos ao informante como algo exterior a ele, com perguntas orientadas por motivações que não são as suas. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1991, p.23)

Outro fator importante para o bom rendimento da entrevista, diz respeito às relações que se estabelecem entre o informante e o pesquisador. Se não existir entre ambos determinado grau de confiança, as respostas irão se limitando somente ao que o entrevistado considera suficiente, não permitindo que o pesquisador penetre muito a fundo em sua vivência. A entrevista consiste num interrogatório direto do informante ou pesquisado pelo pesquisador, durante uma conversa face a face.

Oracy Nogueira atenta para o fato de que a entrevista é uma conversa orientada para um objetivo definido que não a mera satisfação que a própria conversa pode produzir. Segundo Nogueira:

O entrevistador pode concorrer para o fracasso da entrevista, quer por falta de planejamento, quer por imprecisão das perguntas, quer por falta de habilidade. Depois de despertar no entrevistado o desejo de falar, o entrevistador deve deixar que ele fale livremente, sem interrompê-lo para fazer perguntas específicas a respeito de minúcias. Em geral, os dados obtidos através de narrativas livres têm mais valor, embora sejam menos completos, do que as informações obtidas através de interrogatório. Assim, será conveniente deixar que o entrevistado esgote o assunto espontaneamente, para depois fazer perguntas que o levem a completar o relato feito, adicionando detalhes consciente ou inconscientemente omitidos. (NOGUEIRA, 1975, p. 102)

Trabalhar com crianças pode ser tão ou mais difícil que com adultos. Pode parecer fácil obter a confiança delas, no entanto, um simples deslize (como por exemplo, brincar mais com uma criança do que com outra durante a entrevista ou elogiar alguma atitude de determinada criança em frente a uma outra, entre outras coisas) pode gerar ciúme por

parte de uma criança e esta poderá perder a confiança depositada no pesquisador.

Conforme Maria Isaura Pereira de Queiroz, o único modo de evitar que, numa sociedade como a nossa, as Ciências Sociais se tornem o intérprete por assim dizer único da visão do mundo das camadas dominantes e do grupo dos cientistas, seria conseguir que os próprios interessados, isto é, os integrantes dos grupos ou das camadas dominadas, pudessem eles mesmos orientar ou efetuar os estudos necessários à reformulação do ambiente sócio-econômico, político e sociológico em que vivem. (Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, 1991).

Florestan Fernandes, no seu estudo sobre as "trocinhas" do bairro do Bom Retiro chama a atenção para a importância que representou, para ele, poder ter acesso à observação e ao intercâmbio com as crianças. Não só ouvir o que as crianças relatavam, mas ouvir as críticas das crianças às observações que ele fazia.

A observação das crianças em meio às suas brincadeiras talvez seja até mais importante que as entrevistas, pois é no desenrolar da brincadeira que podemos apreender um diálogo entre as crianças que pode tornar-se muito importante para nossa pesquisa, assim como gestos, atitudes, entre outros.

Para Oracy Nogueira:

As anotações devem ser feitas no próprio momento da observação ou, quando isto é desaconselhável, o que frequentemente se dá no campo das ciências sociais, conforme ao tratar da "observação participante", no primeiro ensejo que se apresente ao investigador. Normalmente, o investigador,

durante o trabalho de campo, não pode deixar passar um só dia sem fazer suas notas. Deste modo, evita-se o esquecimento de muitos detalhes, a confusão entre certos episódios ou eventos e a perda de noção da ordem em que estes se passaram. As situações e acontecimentos assim registrados poderão, mais tarde, ser invocados com realismo, na proporção da meticulosidade e precisão das notas. O diário de pesquisa, isto é, o registro cotidiano e minucioso das observações – acontecimentos, manifestações de comportamento, conversas, estabelecimento de novos contatos, desenvolvimento ou transformação das relações já estabelecidas com elementos da comunidade – se tem revelado um dos mais úteis instrumentos de trabalho de campo. (NOGUEIRA, 1975, p. 103 e 104)

A observação contribui para suscitar novas hipóteses, despertando, portanto, a necessidade de explorar, com mais atenção e com outros recursos, diferentes aspectos da realidade em estudo.

Em nossa pesquisa, ao observar as crianças nas ruas do bairro Jardim São Dimas, foi possível anotar muitas passagens no diário de pesquisa no momento em que estas ocorriam, já nos outros bairros isto não foi possível, já que as crianças não brincam nas ruas, e as conversas com estas foram realizadas em suas próprias residências, sendo necessário que fizéssemos nossas anotações em nossa casa, buscando na memória os acontecimentos.

Sabemos que uma condição essencial para o sucesso da entrevista é que o motivo que a determina seja plausível aos olhos do próprio entrevistado. É, portanto, sempre conveniente e útil que o entrevistador indique ao entrevistado por que o escolheu para informante.

Vemos que nos últimos anos houve um sério esforço para consolidar uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas. Podemos

dizer que a infância é, hoje, um campo temático de natureza interdisciplinar, e essa visão se difunde cada vez mais entre aqueles que pensam a criança, atuam com ela, desenvolvem pesquisa e implementam políticas públicas.

Quanto aos nomes das crianças, optamos por utilizar nomes fictícios. Ainda que as entrevistas com as crianças tenham sido realizadas com autorização dos pais e das próprias crianças, optamos por não explicitar seus verdadeiros nomes. De antemão recusamos alternativas tais como utilizar números, mencionar as crianças pelas iniciais ou as primeiras letras de seu nome, o que não condiz com o referencial teórico que orienta esta pesquisa, sempre colocando a criança como sujeito atuante.

Concordamos com Kramer, quando afirma que a utilização de números ou iniciais, “nega a sua condição de sujeito, desconsidera sua identidade, simplesmente apaga o que são e as transporta para o anonimato” (KRAMER, 2002, p.47)

No início da pesquisa, tentamos deixar o mais claro possível o porquê das famílias informantes de nossa pesquisa terem sido escolhidas. Já as crianças não entendiam muito bem o porquê da pesquisa, mas gostavam de falar e responder questões em todos os bairros pesquisados, especialmente pelo uso do gravador, o que já havia sido constatado em nossa pesquisa realizada em 2001⁴. O gravador oferece um grau de importância à fala da criança, e quando esta se dá conta de

⁴ Trata-se da pesquisa *Brinquedos e Brincadeiras: a infância na favela Parque das Nações* – ver nota n. 3.



que sua fala, suas frases incompletas e, acima de tudo, suas brincadeiras despertam interesse em alguém, elas falam, e muito.



CAPÍTULO 3 - TRANSMISSÃO DE EXPERIÊNCIAS NAS BRINCADEIRAS INFANTIS

3.1 - “Eu brincava disso quando criança”: o lúdico no mundo dos adultos

Tradicionalmente, em todas as sociedades humanas, a família sempre foi considerada um dos grandes lugares de socialização, e qualquer que seja o modelo familiar para o qual nos voltarmos, a família tem essa particularidade: de ser um espaço de cruzamento intergeracional. (Cf. ROMAN, 1996).

Como sabemos, a família carrega um papel muito importante, que pode ser o de proteção, refúgio, carinho e, muitas vezes, o contrário disto, como medo, insegurança, violência. Segundo Roman:

(...) nos tempos atuais, por razões historicamente bastante profundas, assistimos cada vez mais às formas de socialização não mais verticais - transgeracionais, mas horizontais, em que as crianças e jovens se socializam mutuamente. (ROMAN, 1996, p.11)

Alguns estudiosos acreditam que a família não seja mais, assim como no passado, uma instituição de socialização e de partilha (trocas) de conhecimentos e experiências. Para estes pesquisadores, o espaço da casa, local onde as relações familiares geralmente ocorrem, já não condiz mais com a família nuclear de há algumas décadas. No entanto, as expectativas em relação à família estão, no imaginário coletivo, ainda impregnadas de idealizações, das quais a chamada família nuclear é um dos símbolos.

A maior expectativa é de que ela produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos

relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem. (BRANT DE CARVALHO, 2005, p.15)

Em nossa pesquisa pudemos observar que a família – nuclear ou não (já que encontramos diversas formações familiares), ainda é uma instituição que permite a troca de experiências entre as gerações. Morando nas periferias ou não, pais e mães ainda influenciam as brincadeiras de seus filhos, e esta influência ocorre muitas vezes nas ruas – como no caso do bairro Jardim São Dimas, e também dentro do espaço da casa, como nos outros bairros.

A seguir faremos a análise de algumas falas das famílias do bairro Jardim São Dimas:

Eu faço roupinhas para as bonecas e também colo os brinquedos quando quebram. Eu fiz “cinco marias”⁵ para muitas crianças aqui do bairro. É um brinquedo barato e que diverte a criançada. Elas passam horas brincando..., adoram.

Esta fala é de Olga - mulher que reside sozinha em uma das casas do bairro Jardim São Dimas e é irmã de Júlia (mãe de Eduardo e Mário – de 9 e 6 anos respectivamente). É viúva e recebe pensão do falecido marido, além de fazer faxinas para completar a renda familiar. Olga passa parte de seu dia com os filhos da irmã para que esta possa trabalhar.

⁵ Brincadeira que consiste em utilizar cinco saquinhos de pano preenchidos com arcia ou grãos, tentando pegá-los no ar após arremessá-los para cima.

Olga não teve filhos e gosta de brincar com os sobrinhos. Ela desenha amarelinha nas ruas, ensina as regras do pique-esconde, além de consertar os brinquedos quando quebram. Aproveita grande parte de seu tempo fazendo roupinhas para as bonecas das crianças do bairro, como ela mesma explicitou na fala acima. Quando a questionei sobre a importância de as crianças conhecerem brincadeiras antigas, como a brincadeira “cinco marias”, Olga disse:

Olha, essa geração de hoje em dia não sabe se divertir. Só sabem assistir televisão e comprar brinquedo caro que quebram no dia seguinte. Minha irmã não pode dar brinquedo caro pro Du e pro Mário, mas eles brincam de outras coisas. Acho que é uma infância mais alegre, mais solta, com outras crianças. Televisão, computador, carrinho de controle remoto é máquina, não é gente. Criança tem que brincar com criança.

Nesta fala fica explícita a concepção de Olga acerca da infância – segundo ela, criança tem que brincar com criança, e não apenas com brinquedos. Esta concepção foi constante nas entrevistas, já que grande parte das pessoas entrevistadas acredita que as brincadeiras antigas fazem as crianças mais felizes do que os brinquedos e as brincadeiras dos dias atuais.

A seguir outras falas de famílias entrevistadas no bairro Jardim São Dimas:

Os meninos de hoje não sabem o que estão perdendo. As brincadeiras do meu tempo eram muito melhores, ... mais divertidas. (fala de um pai)

Este pai acredita que as antigas brincadeiras eram mais divertidas do que as de hoje, mas quando solicitamos que explicasse melhor, não soube explicar, e voltou a responder:

No meu tempo as brincadeiras eram muito melhores.

Logo em seguida, acrescentou:

É que hoje as brincadeiras são muito violentas. Gostam de brincar com armas de brinquedo..., estas coisas. No meu tempo a gente corria pela rua, soltava pipa, acho que era mais saudável. O meu filho sabe soltar pipa porque eu ensinei, e ele gostou e ensinou os amigos, mas quase toda criança não gosta...,acha chato.

Segundo este pai, hoje as brincadeiras são muito violentas, pois as crianças brincam com armas de brinquedo. No entanto, os brinquedos refletem os traços da sociedade em que vivemos. Segundo Gilles Brougère (2000), na época da II Grande Guerra, por exemplo, eram comuns tanques de brinquedo que imitavam os tanques utilizados por soldados alemães.

Desta maneira, os brinquedos evoluem de acordo com o mercado, e como armas estão presentes na mídia e no mercado, nada mais natural

que as fábricas de brinquedos apropriarem-nas em suas invenções, e devemos salientar que há modelos de armas de brinquedo para todos os gostos, assim como há bonecas para todos os gostos. Ou seja, a arma de brinquedo tornou-se um brinquedo comum.

Segundo Brougère:

Os brinquedos evoluem para conseguir permanecer, mas, na maioria das vezes, beneficiados pela intervenção de sociedades concorrentes que os transformaram, dotando-os de novas características. Então, a necessidade que todos os fabricantes têm de se diferenciar, leva-os a não imitar servilmente o que foi feito, e conceber modificações que possam aparecer como melhores traduções do desejo iniciador da brincadeira. (BROUGÈRE, 2004, p. 95)

Muitas vezes percebemos um certo saudosismo nas falas de pais e mães quando se referem aos brinquedos e às brincadeiras antigas, e ensinar estas brincadeiras e confeccionar tais brinquedos talvez seja uma forma de voltar ao tempo da infância através de seus filhos, além de, como percebemos na fala do pai, seja uma maneira de evitar que os filhos brinquem de forma violenta, como nos casos das brincadeiras com armas.

A seguir, fala de uma mãe:

Eu acho as bonecas de hoje muito lindas, mas nada como brincar de boneca de pano, fazer roupinhas, fazer boneco de batata e de jatobá..., no sítio era assim. Hoje é tudo pronto, não tem que fazer nada, aí a brincadeira perde a graça.

A fala desta mãe nos mostra a importância dada ao “fazer o brinquedo”. Segundo ela, fazer o brinquedo torna a brincadeira mais atrativa. Questionamos se ela ensina suas filhas a fazer roupinhas de boneca e a brincar de jogos e folguedos antigos, e ela respondeu prontamente:

Mas é claro. Minhas meninas sabem tudo, é..., é..., sabem fazer roupinhas, sabem brincar de roda, de esconder, sabem subir em árvore. Eu crio elas bem soltas e ensino elas, porque não dá para comprar coisa cara, então tem que brincar dessas coisas.

Ainda questionamos esta mãe se haveria na sua atitude também uma preocupação em ensinar suas filhas a brincar como antigamente. A seguir, segue sua resposta:

Não é só porque não tenho dinheiro para comprar os brinquedos que minhas meninas às vezes querem que eu ensine elas a brincar de outras coisas, mas também porque acho que a infância está perdendo suas raízes..., não sei se é esta a palavra, mas está ficando chata. As brincadeiras de antigamente eram mais legais porque envolviam mais gente e eram mais simples. Hoje as crianças não querem brincar..., querem exibir seus brinquedos para outras crianças, entende?

Neste caso a mãe dá uma explicação dotada de significados, já que acredita na importância de manter a tradição de antigas brincadeiras

– ou melhor, de manter as raízes, além de salientar que a infância de hoje é chata se comparada à infância de outrora e, por isto, mesmo que tivesse dinheiro para adquirir todos os brinquedos almejados por suas filhas, ainda assim as ensinaria brincadeiras antigas, por acreditar que os folguedos de tempos passados eram mais divertidos.

Em outras falas, percebemos claramente a intenção de pais, mães e avós de buscar na memória os brinquedos e as brincadeiras antigas para colaborar nas brincadeiras das crianças, já que estas não têm muitos brinquedos industrializados, conforme fala da avó a seguir:

Já fiz roupa até de crochê para as bonecas da minha neta...,ela gosta. Ela troca a roupa umas quatro vezes por dia, é vaidosa com as bonecas. Se a gente não faz coisas diferentes, ela fica triste, porque as amigas da escola levam roupinhas de boneca novas, e aí ela também quer.

Ou então:

Eu jogo futebol com meu moleque de sábado e domingo. Durante a semana é corrido, mas no sábado faço meu papel de pai. Eu sou meio paixão. Já que a gente não pode dar esses negócios de menino rico, patins, videogame, estas coisas, a gente tem que brincar junto.

Pesquisadora: Mas se o senhor pudesse comprar um videogame, não brincaria mais com seu filho?

É claro que ia. Eu adoro brincar com ele. Se tivesse tempo brincava mais. Acho que ele é que não ia nem querer brincar comigo se tivesse videogame, porque ia poder passar o tempo.

Segundo Thompson:

A transmissão cultural entre as gerações é tão antiga quanto a humanidade, nascida que é da condição humana fundamental. Nossas vidas constituem uma fusão entre natureza e cultura; no entanto, natureza e cultura estão em contradição. Sendo a cultura a essência daquilo que converte indivíduos humanos em grupos (o núcleo da identidade social humana), sua continuidade é vital. Todavia, em contraste com as pretensões da cultura de representar a tradição através dos séculos, as chamadas verdades eternas, está a crua brevidade da vida humana. Daí a necessidade universal de transmissão da cultura entre as gerações. (THOMPSON,1990,p.9)

O papel da família na transmissão cultural entre gerações inclui não somente a transmissão da memória familiar, mas também da linguagem, do nome, do território e da moradia, da posição social e da religião, e, mais além ainda, dos valores e aspirações sociais, visões de mundo, habilidades domésticas, modos de comportamento, brincadeiras, datas festivas, etc.

Ainda segundo Thompson:

O desejo de transmitir está intimamente relacionado com a experiência pessoal de infância de cada indivíduo, e é estimulado por um impulso de retribuir ou passar adiante a afeição e o amor recebidos, o qual depende da conquista de uma auto-identidade solidamente estabelecida na adolescência e de intimidade no início da vida adulta. (THOMPSON,1990,p.11)

A transmissão de experiências nas brincadeiras entre as gerações é muito comum no bairro Jardim São Dimas, seja ela feita para amenizar a vontade de possuir brinquedos industrializados das crianças, seja

porque pais e mães gostam de participar das brincadeiras, ou seja porque é uma forma que os adultos têm de recordar um passado feliz e mágico – o da infância. No entanto, nos bairros Jardim Botânico, Campos do Botânico e Novo Horizonte, já não encontramos tal disponibilidade dos pais em brincar e criar brincadeiras para os filhos. Exceto em algumas falas, os pais dizem comprar os brinquedos, mas não brincam juntos e tampouco ensinam brincadeiras aos filhos. Não encontramos nenhuma mãe que disse brincar com os filhos, ou ajudar na confecção de brinquedos, mas as mães nos relataram que os pais que moram fora brincam muito com seus filhos quando vêm à cidade.

Dentre as famílias entrevistadas nos bairros Jardim Botânico, Campos do Botânico e Novo Horizonte, encontramos quatro casos de pais que residem fora e a mãe mora na cidade com as crianças.

Estas situações têm-se tornado cada vez mais comum em São Pedro e acreditamos que em outras cidades interioranas também, já que as grandes cidades e, em especial São Paulo, se tornam cada vez mais violentas. Desta forma, os pais continuam trabalhando em São Paulo e a família muda-se para São Pedro em busca de tranquilidade. Nos finais de semana os pais vêm visitar as famílias.

Dentre os casos dos pais que moram fora, devemos destacar que há um caso que o pai reside em outra cidade porque é lutador de Vale Tudo. Este pai reside em Niterói (RJ) e vê os filhos apenas uma vez ao mês, devido aos treinos e à distância. A mãe, que é sócia-proprietária de



um supermercado no centro da cidade de Águas de São Pedro (cidade vizinha a 08 quilômetros de São Pedro), é a patrocinadora do marido.

Na entrevista, ela nos revelou:

Nossa! Quando meu marido vem, aí é a maior alegria. Os meninos brincam com ele o tempo todo. Ele traz brinquedos diferentes e se divertem muito. Matam a saudade do pai até enjoar. (Os filhos são dois meninos).

Nos dois casos em que o pai reside em São Paulo para trabalhar durante a semana, notamos o grande envolvimento nas brincadeiras dos filhos nos finais de semana, segundo a fala das mães:

Meu marido chega na sexta à noite e vai direto brincar com os meninos. No sábado saem para soltar pipa, andar de bicicleta..., de vez em quando vão até o sítio de um amigo nosso e já fizeram boneco de sabugo de milho. Sei-lá..., acho que são brincadeiras saudáveis..., diferentes das brincadeiras de hoje, e meu marido também pode curtir os filhos. Ele volta para São Paulo feliz. (Neste caso, o marido é comerciante em São Paulo – o casal tem três filhos – todos meninos).

Meu marido é farmacêutico em São Paulo. A gente mudou para cá porque não agüentávamos mais a loucura e a violência da cidade grande. Mas é duro, porque ele acha muita falta das meninas..., é..., assim...,

quando ele chega, quer ficar juntinho das filhas, e até joga com elas no computador, leva elas na piscina, enfim, faz tudo que não pode fazer durante a semana. (Neste caso, o marido trabalha em uma fábrica de produtos farmacêuticos em São Paulo – o casal tem duas meninas).

Salientamos que esta diferença no envolvimento nas brincadeiras dos filhos entre o bairro periférico e os bairros de famílias com poder aquisitivo melhor pode se dar devido ao fato de que as crianças dos três bairros residenciais terem muitos brinquedos e, portanto, os pais não vêem necessidade de ensinar antigas brincadeiras aos filhos. Ou ainda pelo fato de que as crianças das camadas mais abastadas gostam muito de brincar com videogames e computadores – o que veremos no capítulo, 5, e estes tipos de brinquedos não atraem pais e mães, pois não os fazem remeter-se ao passado e às suas respectivas infâncias.



3.2 – Brincadeiras de menino e brincadeiras de menina: a influência dos pais

A influência dos pais nas brincadeiras dos filhos é uma característica comum em todos os bairros entrevistados. Por meio das falas é claramente perceptível os conceitos que os pais e avós têm do que são brincadeiras e brinquedos femininos e masculinos.

Nas entrevistas ficou nítido que não é somente na escolha de um brinquedo ou ao ensinar alguma brincadeira, que os pais influenciam as decisões dos filhos, mas também na opção de um curso extra-curricular, como ballet, música, futebol, curso de idioma, etc. Por exemplo: muitos pais gostariam que seus filhos aprendessem a jogar futebol e que suas filhas aprendessem música ou ballet.

A seguir algumas falas das famílias dos bairros de maior poder aquisitivo:

A minha menina pediu um skate de Natal, mas skate não é coisa de menina..., é..., depois fica aí toda ralada porque não sabe andar direito e se machuca. (Fala de uma mãe).

Pesquisadora: A Jéssica não sabe andar de skate?

Saber, ela sabe. Mas não é como menino que tem mais ginga, mas habilidade.

Na escola do meu filho abriu um curso de ginástica olímpica e..., ele..., veio me..., pedir para fazer, mas eu disse que pode fazer futebol, basquete, o que quiser, mas usar aqueles colantes que precisa usar..., ah! Faça-me o favor..., isto não é coisa de homem. (Fala de um pai)

Pesquisadora: Seu filho entrou em um curso de futebol ou algum outro?

Não, acabou que não entrou em nenhum.

Pesquisadora: Ele ainda fala que quer entrar na ginástica olímpica?

Não, agora ele entendeu que não é coisa de moleque.

Nas falas acima notamos as proibições dos pais às vontades dos filhos, seja esta a vontade de possuir um objeto culturalmente atrelado ao universo masculino (como o skate), ou a vontade de cursar ginástica olímpica – proibido por conta da utilização de colantes – culturalmente relacionados ao universo feminino.

A mãe de Rafael e de Pedro (cujo marido reside em Niterói), levou o filho Rafael (de 9 anos) a uma psicóloga pelo fato dele desenhar mulheres com diferentes roupas femininas. Segundo a mãe:



A psicóloga disse que ele tem grandes aptidões para a arte...que o perfil dele mostra que ele tem inclinação para qualquer tipo de arte. Ele desenha roupas femininas..., vestidos, e eu sempre sou a modelo. Ela disse que ele tem grande admiração pela mãe – por mim, e sempre sou a modelo de suas roupas. No início achei estranho ele desenhando, mas agora acho normal. Ele é um menino muito sensível..., me ajuda na cozinha, faz omelete, esquenta o leite..., é um ótimo menino.

Pesquisadora: E por que você achou estranho?

Porque ficava desenhando mulher, mulher, sei-lá..., menino normalmente é mais dinâmico, mas agora entendo que ele é uma criança sensível às artes.

A mãe de Rafael o levou a uma psicóloga, pois considerou estranho o fato de ele criar roupas femininas em desenhos. Isto nos revela o quão arraigados estão os conceitos de masculino e de feminino no seio familiar. Quando um menino interessa-se por atividades geralmente desenvolvidas no universo das meninas, isto pode ser considerado patológico. Esta passagem relatada pela mãe de Rafael ainda nos coloca outra reflexão a ser feita: o pai é lutador de Vale Tudo – profissão que valoriza a força e é considerada bruta. Desta forma, talvez para a mãe de Rafael, desenhando mulheres e roupas (atividade

completamente diferente da exercida pelo pai), não seja uma atividade *normal* praticada por um menino, sendo necessário levá-lo a uma psicóloga para certificar-se de que não havia nada de errado ou de patológico com ele.

Assim como as crianças, os pais também nasceram em um mundo repleto de regras de comportamento, e também para eles é difícil enxergar além das barreiras sedimentadas sobre o preconceito, sobre a religião e sobre a moral.

Agnes Heller, em seu livro *Sociología de la vida cotidiana*, reflete acerca deste tema:

La moral de la vida cotidiana es heterogénea como la vida cotidiana misma. En primer lugar, el mundo en el que nacemos nos presenta innumerables reglas de comportamiento. La simple observancia de estas reglas es una prescripción que el medio social dirige a cada particular. Las reglas de comportamiento en la vida cotidiana son concretas, prescriben con relativa exactitud qué se debe hacer y qué no. Hay que honrar al padre y a la madre de un modo determinado, hay que ir a la iglesia en períodos determinados, hay que cortejar a las chicas de un cierto modo, vengar las ofensas de tal o cual forma determinada, pegar a la mujer en tal o cual caso determinado, en otros casos (también definidos con precisión) no es lícito causarle ningún mal. (HÉLLER, 1977, p.152 e 153)

Um dos casais entrevistados no bairro Jardim Botânico tem dois filhos adotivos (Vinícius e Camila). Vinícius tem 9 anos e foi adotado ainda bebê e Camila é uma menina de 8 anos que foi adotada aos 6 anos.

Quando entrevistamos os pais (que optaram por fazer a entrevista juntos), a mãe afirmou que Camila, logo que foi adotada, tinha hábitos de **moleque**. Desta forma, pedimos para que a mãe explicitasse melhor como eram seus hábitos.

Ah! Ela só brincava de bola na instituição. Ela não tinha modos..., brincava só de bola, futebol, de correr..., ela corria muito, sem parar..., dentro de casa..., em qualquer lugar. Era só brincar de correr e correr..., brincadeira estúpida.

Os pais de Camila e Vinícius explicaram que depois de algum tempo com eles, Camila mudou bastante e tornou-se uma menina mais *comportada, quieta, assentada*. (Segundo fala do pai).

Em seguida a mãe comentou que ainda acha Camila um *pouco agitada* e que matricularia ela em uma escola de música para aprender algum instrumento. (Falas da mãe).

Pesquisadora: Ela gosta de música? Tem preferência por algum instrumento?

Não, ela nunca demonstrou interesse por nada de música, mas acho que será bom para ela fazer. Assim ela acalma mais..., toma gosto depois. (Fala da mãe).

Os pais de Vinícius e Camila vêem brincadeiras com bola, corrida ou futebol, como modalidades de brincadeiras relacionadas ao universo masculino. E por este motivo, desejam que Camila se torne uma menina mais calma e assentada e que goste de música (comportamento

relacionado ao universo feminino). No entanto, ao matricular Camila em uma escola de música, esta poderia gostar de instrumentos como guitarra ou bateria – instrumentos normalmente relacionados ao universo masculino. Desta forma, permanece uma questão: será que a mãe de Camila aprovaria que Camila aprendesse a tocar tais instrumentos?

Não sabemos se a mãe aprovaria ou não, mas devemos salientar que os pais de Camila e de Vinícius pertencem a Igreja Congregação Cristã no Brasil, que propõe papéis bem claros a homens e a mulheres. Inclusive mulheres e homens sentam-se em fileiras diferentes nos horários de culto (segundo relato da mãe).

Sabemos que as imposições feitas pela religião condicionam os comportamentos das pessoas. Ainda segundo Heller:

La ideología de la religión se expresa necesariamente mediante las reglas de los usos que ordenan en mayor o menor medida la vida y el comportamiento de los hombres, pero no se convierte obligatoriamente en una institución.
(HELLER, 1977, p.160)

E ainda:

La religión - aunque mediante contenido e intensidad diferentes en sus diversas formas – constituye uno de los organizadores y reguladores (y a menudo entre los más importantes) de la vida cotidiana. Evidentemente, el tipo y el ritmo de la vida están regulados en última instancia por la actividad económica. Sin embargo, cada religión les confiere una forma.
(HELLER, 1977, p.168)

Desta forma, os pais tendem a influenciar os comportamentos dos filhos de acordo com diversos fatores, sejam eles religiosos, morais ou outros.

No artigo “Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados” (1999), os autores Cármem Duarte, Fernando

Barros e Luciana Duarte afirmam que professoras de Pelotas, no Rio Grande do Sul, também esperam determinados comportamentos de meninas e outros de meninos. Ou seja, o comportamento indisciplinado de meninos é aceito entre as professoras, no entanto, a indisciplina entre as meninas é condenada.

No bairro Jardim São Dimas, não faltam exemplos de falas que nos remetem automaticamente à questão de gênero na criação dos filhos. Uma vez uma mãe comentou:

Ah! Se pego meu moleque brincando de boneca, dou-lhe um couro só!

Assim como já havíamos observado em nossa pesquisa na favela Parque das Nações, realizada no ano de 2001 na cidade de Marília/SP, e que já foi comentada neste trabalho, as mães têm receio de que seus filhos se tornem motivo de chacota no bairro. Desta maneira, muitas mães não permitem que seus meninos brinquem com bonecas.

No Brasil, as sociabilidades sociofamiliares e as redes de solidariedade por elas engendradas nunca foram descartadas. É que elas foram e são, para as camadas populares, as suas condições de resistência e sobrevivência. A família alargada, o grupo de conterrâneos, por exemplo, são possibilidades de maximização de rendimentos, apoios, afetos e relações para obter emprego, moradia, saúde. (BRANT DE CARVALHO, 2005, p.17)

Assim como também já demonstramos, alguns meninos participam de brincadeiras com boneca, mas há um limite, ou seja, as meninas permitem que os meninos participem apenas de algumas brincadeiras,

assim como os meninos não permitem que meninas participem da confecção de pipas e de carrinhos de rolimã. Ou seja, muitas vezes, quem estabelece os critérios para que haja interação dos gêneros masculino e feminino nas brincadeiras, são as próprias crianças.

Segundo Pontes e Magalhães, pode-se interrogar:

(...) como, de criança a criança, de geração em geração, as regras e as formas de brincar são ensinadas e aprendidas? A impressão leiga é de que o jogar e o brincar são ensinados como normalmente ensinam a um outro adulto um jogo, de modo sistemático e diretivo. Ao ensinar-se uma nova modalidade de jogar baralho, por exemplo, utiliza-se de dicas verbais, sistemáticas, seqüenciais e também de exemplos. (PONTES E MAGALHÃES, 2003, p. 120)

Ou ainda:

Na brincadeira, aprendem-se formas, o vocabulário típico, as regras e o seu momento de enuncia-las, as habilidades específicas requeridas para cada brinquedo, os tipos de interações condizentes, etc. Acredita-se que as investigações destas e de outras categorias de eventos seja importante não só para uma melhor descrição da brincadeira e da ocorrência de aprendizagem em situação natural, mas também para a compreensão dos processos de transmissão da cultura da brincadeira, assim como das relações entre os membros do grupo e do desenvolvimento infantil. (PONTES E MAGALHÃES, 2003, p. 121)

Em fala de uma avó do Jardim São Dimas, também ficam nítidos os limites que algumas famílias impõem aos brinquedos pedidos pelas crianças e também na proibição ou não das brincadeiras, como na fala a seguir:

A minha netinha queria só jogar futebol, todo dia, aí também não dá, tem que brincar de boneca também, de casinha. Igual já vi criança..., é..., menino que brinca de boneca..., acho que pode, mas não muito.

A expressão “acho que pode, mas não muito” nos faz enxergar como as relações entre pais e filhos e avós e netos, muitas vezes são permeadas de “pequenas permissões” e “pequenas concessões”, ou seja, as famílias podem até permitir que as crianças brinquem do que desejarem, no entanto, impõem alguns limites quando as brincadeiras não lhes agradam.

Há também algumas situações que são impostas de forma autoritária, sem passar pelo crivo das “pequenas permissões” e “pequenas concessões”, conforme na fala a seguir:

A gente tem que ensinar o filho a ser homem. Logo que o meu nasceu, dei uma camiseta do Corinthians..., se ele quiser trocar de time um dia, não ligo, mas tem gostar de futebol, é..., ele joga desde muito novo. Homem que é homem tem que saber jogar.

Este pai nem sequer deseja pensar na hipótese de seu filho não gostar de futebol. Futebol é brincadeira fundamental na vida de menino e ponto final, assim como todo menino deve ser torcedor de algum time.

Sabemos que a brincadeira pressupõe uma aprendizagem social, ou seja, é através da brincadeira, muitas vezes, que a criança aprende e apreende seu papel na família e na sociedade e o comportamento que delas é esperado. Através de nossas análises, percebemos que as diferenças nas brincadeiras de meninos e de meninas são bastante influenciadas pelos pais - desde os brinquedos que os pais dão às crianças logo que estas

nascem até as brincadeiras que lhes são permitidas vivenciar ao longo de sua infância.



CAPÍTULO 4 – A RUA COMO ESPAÇO LÚDICO

Nas brincadeiras observadas nas ruas do bairro Jardim São Dimas, destacam-se futebol em terrenos baldios, brincadeiras com bonecas, carrinhos de rolimã, passar-anel, soldado-ladrão, pata-choca, pipa, pique-esconde, jogo de perguntas e respostas, brincadeiras de guerra, contar histórias, entre outras.

As brincadeiras com bonecas ganham diferentes enredos. Há brincadeiras em que um grupo grande de meninas se reúne na calçada ou em casa de alguma das participantes da brincadeira, pois é a brincadeira do “ateliê de costura”.

Este nome foi atribuído por mim, já que as meninas reúnem-se para brincar de fazer roupas para suas bonecas, sem que haja um nome para tal atividade.

Observando um grupo de sete meninas em uma das ruas do bairro, nos aproximamos e questionamos sobre a brincadeira. Todas têm sacolas cheias de pequenos tecidos, os quais, segundo as informantes, são fornecidos pelas mães, tias, avós, vizinhas, etc. Há até mesmo o caso de uma menina que tem uma tia que trabalha em uma fábrica de confecção de lençóis da cidade, e presenteia a sobrinha com muitos pedaços de tecido que sobram na produção desta confecção.

Notamos que algumas crianças têm roupinhas com botões e costura nas barras das pequenas saias, calças, blusas e vestidos das bonecas. Estes acabamentos são realizados por mães e avós, segundo

as crianças. Houve também o caso de uma criança relatar que a mãe da amiguinha havia pregado botões nas roupinhas de sua boneca.

Isto demonstra a interação de mães e avós nas brincadeiras, e também a interação entre vizinhos. Durante as conversas com as crianças, percebemos que a participação das mulheres da casa nas brincadeiras (sejam estas avós ou mães), é mais presente que a participação dos pais. Apenas em duas falas, durante toda a pesquisa, as crianças comentaram sobre a participação dos pais nas brincadeiras.

Renata Fernandes afirma que:

Quanto à participação dos adultos, nos diversos papéis sociais assumidos dentro e fora da esfera familiar, a ênfase recai sobre as mulheres no que diz respeito ao incentivo e a eventuais participações em brincadeiras e jogos; nas falas, o homem ou o pai não aparece tão referendado, apesar de o seu papel ser bastante significativo. Nos momentos de brincadeiras, o homem, geralmente o pai, está ausente e, aparentemente, não se cogita a presença ou a participação deste. Quando em casa, o tempo é usado para outros afazeres ou para descanso. (FERNANDES, 2002, p.33)

Como já dissemos, há diferentes tipos de brincadeira com bonecas, e uma delas é a brincadeira de “casinha” (nome atribuído pelas próprias crianças). Neste caso encontramos meninos também participando.

As bonecas se transformam em pais, mães, filhos, filhas, avós e avós. Em uma das brincadeiras uma boneca se transformou no Presidente Lula. Neste caso, dois meninos e cinco meninas brincavam que um casal estava brigando, os vizinhos já tinham tentado acalmá-los e nada adiantava. Até que então surge o Presidente e diz (fala de uma criança):

_Vamos parar com toda esta briga, porque eu sou o Presidente.

Quando a brincadeira com boneca é "casinha", há a presença de alguns poucos meninos, mas em outras "modalidades" de brincadeiras com boneca não há interação entre meninos e meninas, como é o caso do "ateliê de costura". Enquanto brincávamos de confeccionar roupas para as bonecas, disse às meninas:

_Vamos chamar o Pedro e o Beto para brincar com a gente.

Jéssica, uma das participantes, falou:

_ Ah não! Eles não sabem fazer estas coisas. Para fazer roupas é preciso ser delicadinha. Eles cortam o pano tudo errado.

Pesquisadora: *Ah! Eles já brincaram com vocês e fizeram tudo errado?*

Jéssica: *Não. A gente nunca chamou eles. Mas eles também nem querem. Gostam de outras coisas ... coisas de moleque.*

Esta conversa demonstra que Jéssica encara a costura como uma atividade que exige técnicas de delicadeza, e que meninos não possuem

esta qualidade. Por isto, enquanto elas brincam de costura – “coisas de menina”, eles devem brincar de “coisas de moleque”.

Enquanto brincávamos de costurar, aproveitamos a oportunidade para questionar as crianças sobre tarefas domésticas, e todas as participantes da brincadeira afirmaram que ajudam suas mães nos afazeres da casa. Mas quando questionamos as crianças se estas gostavam ou não de tais atividades, foram unânimes em afirmar que não gostavam, e que ajudavam suas mães porque eram obrigadas, conforme fala a seguir:

_Tem que ajudar, senão a mãe briga.

_ A mãe trabalha, então eu ajudo. Ela não agüenta fazer tudo.

Perguntamos às meninas se seus irmãos também ajudavam na limpeza da casa e a cuidar dos irmãos mais novos, e todas disseram que seus irmãos não ajudam em nada. Uma criança inclusive acrescentou:

_Ele ajuda a sujar tudo o que eu limpo.

Silva, ao analisar as crianças trabalhadoras da Zona da Mata açucareira pernambucana, evidencia que as meninas,

(...) carregam nas costas o peso dos condicionantes e constrangimentos históricos e culturais de gênero (preconceitos, assédio, violência sexual, prostituição, violência

física/maus-tratos e as opressões de classe). Tal condição torna-as alienadas e excluídas duplamente: no trabalho e no tempo de lazer que, por conseguinte, não é livre! (SILVA, 2002, p.22)

Silva nos mostra em seu trabalho que as meninas trabalhadoras, além do trabalho realizado no campo todos os dias, têm também suas poucas horas de lazer e ludicidade sugadas pelo trabalho doméstico – no arrumar da casa, cuidar dos irmãos mais novos, cozinhar, entre outros. O autor observa que os meninos, apesar de também trabalharem no campo, fazem de seu tempo livre o que bem entendem. E isto se repete na vida adulta, pois as mulheres trabalhadoras da Zona da Mata não têm momentos de lazer, restando apenas as missas dos domingos como distração. Fora isto, se encarregam dos afazeres domésticos, enquanto seus maridos e companheiros saem para beber e divertir-se com outros homens. Esta dupla jornada de trabalho é, desde cedo, imposta às meninas da Zona da Mata e por estas interiorizada como se este realmente fosse seu papel. Para Whitaker, "(...) ao longo da vida, meninas sofrem um processo de socialização que as prepara para a desvantagem, com menores expectativas de escolarização e profissionalização do que os meninos". (WHITAKER, 2002, p.47).

Simone Monteiro, em sua pesquisa com adolescentes da favela Vigário Geral, no Rio de Janeiro, explicita que os adolescentes têm boas recordações da infância, e que o controle familiar é mais rígido na infância e também na adolescência, segundo as depoentes, no caso de meninas. Para Simone:

As boas e saudosas recordações das brincadeiras na rua com os (as) colegas são lembradas com carinho pelos adolescentes, e as lembranças do controle familiar e surras, são mais comuns entre as meninas. (MONTEIRO,2002,p.69)

Cynthia Sarti (1996) e Simone Monteiro (2002) concordam que meninas (crianças e adolescentes) se referem mais ao casamento do que meninos. Entre os pobres, casar-se e constituir família é de fundamental importância e confere importância à mulher, tanto que muitas meninas casam-se ainda na adolescência. (Cf. Sarti,1996).

Segundo Monteiro:

É recorrente o casamento e a maternidade em idade precoce. A vida conjugal e os filhos parecem viabilizar o projeto de construção de uma vida harmoniosa e feliz, capaz de fornecer apoio, segurança e companhia. Casamento e maternidade aparecem como valores centrais em seus projetos de vida. (MONTEIRO,2002,p.70)

Nas falas das crianças do bairro Jardim São Dimas, de fato, encontramos meninas se referindo ao casamento, mas em hipótese alguma meninos se demonstraram interessados no matrimônio. Durante as brincadeiras de boneca, as meninas confeccionam vestidos de noiva para suas bonecas e fazem casamentos de “mentirinha” (como elas se referem) de atores, cantores e também delas mesmas, dando o próprio nome à boneca.

É preciso salientar que não tivemos depoimentos que se remetem a surras dentro de casa (nem com meninos e nem com meninas), assim

como Simone Monteiro encontrou relatos em sua pesquisa e, em relação ao trabalho infantil, não encontramos nenhuma criança que exerça algum tipo trabalho fora de casa. No entanto, pudemos perceber que o tempo livre dos meninos é maior, pois as meninas dividem o tempo fora da escola entre os afazeres domésticos e as brincadeiras.

Voltando às bonecas, há outras atividades que encontramos nas ruas do bairro, como brincar de namorados. Neste caso, as bonecas se transformam em casais de artistas da TV, como Cláudia Raia e Edson Celulari, Xuxa e Luciano Szafir, Angélica e Luciano Huck, Sandy e Júnior (que mesmo sendo irmãos se transformam em namorados na brincadeira). Há meninas que têm a boneca Barbie e um boneco que representa seu parceiro. No entanto, as crianças que têm somente a Barbie ou então que não têm a Barbie, mas outras bonecas diferentes, sempre pedem o boneco emprestado para dar um beijinho na boca de suas bonecas quando estão brincando de artistas enamorados.

Certa vez presenciamos Guilherme (uma criança do bairro que passava por perto e viu o grupo de meninas brincar), protestar:

— Em vez de ficar fazendo estes bonecos se beijarem, beija eu, mulherada.

Luísa, uma das meninas que brincava, respondeu prontamente:



_ Vai brincar com seus negos. Aqui é coisa de menina. Sai fora!

Mais uma vez uma menina fez a distinção entre brincadeiras para meninas e brincadeiras para meninos, exigindo que Guilherme deixasse o local e fosse brincar com seus amigos ("seus negos").

Existem brincadeiras que são social e culturalmente relacionadas ao universo feminino, e outras ao universo masculino, e as crianças aprendem isto desde muito cedo, seja em suas relações familiares, ou então nas relações criança-criança.

Qualquer transmissão de um elemento cultural só pode ocorrer dentro de um contexto social. A cultura da brincadeira é um fenômeno de grupo. É só em conjunto de sujeitos que mutuamente se regulam, com uma identificação própria e um modo de organização típico, que uma brincadeira tradicional se mantém e é repassada. (PONTES e MAGALHÃES, 2003, p. 119)

Barrie Thorne, uma socióloga americana, descobriu uma situação parecida quando pesquisou crianças de quatro e cinco anos de idade em duas escolas primárias dos Estados Unidos. Ela observou que:

(...) during classes, in the school corridors, and while the students were eating lunch, the children generally did not form groups by gender. However, the games played at the school playground were strongly separated by sex. Thus, the little boys played soccer and baseball together, while the little girls skipped rope and did simple gymnastics in a paved area of playground. Boys and girls generally got together only to play "hide and seek" or handball. (THORNE, 1999, p. 44)

Assim como Thorne identificou que em apenas algumas brincadeiras havia interação dos sexos, nós também podemos considerar que em algumas brincadeiras do bairro Jardim São Dimas há interação e em outras não (especialmente nas brincadeiras com bonecas), e são as

próprias crianças que determinam as brincadeiras nas quais desejam haver interação e nas quais não desejam.

Agora deixaremos um pouco as bonecas de lado para falarmos sobre os carrinhos de rolimã: Os carrinhos de rolimã são construídos com tábuas e as conhecidas rodinhas de rolimã – pequenos cilindros de aço dispostos entre anéis e que são encontradas em oficinas mecânicas.

Os meninos me informaram que conseguem as tábuas em marcenarias e também em construções. Neste ponto, cabe enfatizar que alguns meninos relataram que pegam tábuas em construções de casas dos bairros vizinhos. No entanto, as crianças parecem não perceber que pegar tábuas em construções é sinônimo de furto. Relatam a atitude com naturalidade, afinal, se a tábua estava na construção e não havia portas impedindo a entrada, qualquer pessoa poderia pegá-la.⁶

Entre os meninos entrevistados, alguns constroem seus carrinhos, outros contam com a ajuda do pai (apenas em dois casos) e da mãe (em muitos casos), e dois relataram que o marceneiro que doou as tábuas ofereceu-se para fazer o carrinho, sem cobrar nada por isso – a marcenaria não se localiza no bairro e, segundo o menino, o marceneiro não o conhecia. Este gesto pode demonstrar apenas solidariedade ou, também, o ato de fazer o carrinho seja uma maneira do marceneiro relembrar sua infância. Nas falas dos pais e mães que participam das brincadeiras das crianças, esta afirmação foi constante: participar da

⁶ Lembro-me que um de meus irmãos já teve a mesma atitude quando criança. Pegou uma tábua para construir seu carrinho de rolimã em uma construção, no entanto não considerou o ato como furto, mas sim, como algo comum. É como se a ausência de portas e janelas indicasse que não há problemas em se apossar de algo alheio.



brincadeira ou da construção de um brinquedo é uma forma de relembrar a infância. As ruas em declive do bairro Jardim São Dimas são utilizadas para as aventuras com os carrinhos de rolimã. Há duas ruas que têm um declive bastante acentuado, e são estas as ruas preferidas pelos meninos – iniciam a corrida no início da rua e ganham velocidade no meio do caminho. Quando o carrinho chega ao final da rua, é preciso frear bruscamente para poder parar. Alguns até comentaram que quando os carrinhos são construídos com rodas de skate, a brincadeira é muito mais divertida, já que a velocidade se torna maior com estas rodas, pois são rodas maiores.

Nessa brincadeira, umas poucas meninas também brincam, mas somente na hora de deslizar pelas ruas, pois a confecção dos carrinhos fica por conta dos meninos.

Levando-se em conta que algumas meninas brincam com os carrinhos e que, no entanto, não participam de sua construção, devemos salientar que o ato de construção dos carrinhos é quase que “sagrado” para os meninos, pois muitos se juntam para dar palpites nos carrinhos do colega. O ato de construção do carrinho é um momento de intensa sociabilidade entre os meninos e, portanto, não cabem meninas neste encontro. Um dos meninos nos deixou bem claro:



_ Menina, aqui, nem pensar. Elas não têm idéia de como se monta isto. Se quiser andar, depois eu deixo.

Já encontramos meninos com as pernas e braços ralados devido à brincadeira, mas nos relataram que a emoção de brincar em alta velocidade é muito grande e não receiam o perigo de que machucados mais graves possam acontecer durante estas corridas. As brincadeiras com carrinhos de rolimã ainda têm forte presença em cidades do interior. Em São Pedro, esta é uma brincadeira comum em muitos bairros.

Tanto no caso das roupinhas de bonecas como no caso de construir o carrinho de rolimã, podemos ressaltar que o ato de criação também faz parte das brincadeiras, pois enquanto fazem suas roupinhas ou seus carrinhos, as crianças dialogam, corrigem erros umas das outras, dão sugestões, enfim, exercitam as relações de sociabilidade, ou seja, as surpresas do momento de criação do brinquedo e de acessórios para os brinquedos podem ser tão estimulantes quanto o produto final.

Cabral fez um estudo da sociabilidade infantil, tendo por base relatos orais que focalizam o período 1930-1980 e mostram os brinquedos como uma descoberta do mundo da criança. Compara com os brinquedos industrializados atuais, especialmente os videogames, que conduzem a novas formas de sociabilidade e relacionamento mais distante. Para tal estudo, utilizou relatos orais composto de 30 depoimentos.

Cabral enfatiza que:

(...) até 1960, poucas mães (das depoentes nenhuma), trabalhavam fora; daí as meninas estarem – sempre mais do que os meninos – sob a vigilância das mesmas. Não raro, em

determinadas brincadeiras – roda, “minha direita está vaga” (brincadeira com cadeiras), empinar papagaio, rodar pião, contar estórias (especialmente as fantásticas, “de medo”) – é fácil detectar a presença de adultos misturados às crianças e jovens adolescentes. (CABRAL, 1994, p.61)

Cabral também acrescenta que havia, porém, um momento que particularmente juntava as gerações: o momento em que, geralmente sob a luz de lamparinas – nas pequenas cidades ou sítios isso era comum – algum adulto se punha a contar “causos” como a estória da “mula sem cabeça”, do “corre medão que o medinho te pega”, da “casa assombrada”, do “papagaio misterioso”, etc.

Esse cotidiano sugere que pode ter sido a mulher a maior transmissora dos costumes e valores nesse tempo: de um lado, pela sua presença mais constante em casa, o que facilitava uma proximidade e liberdade maior com a criança; de outro, porque o relacionamento do pai com os filhos no período – e os relatos ilustram isso, - geralmente sugerem mais rigidez, autoridade. Poucas palavras e pouca liberdade. Durante uma visita, uma conversa entre adultos, um olhar direto do pai e a criança já sabia que devia sair da sala. (CABRAL, 1994, p.57)

Toda a reflexão de Cabral se dá a partir dos relatos orais, cuja riqueza de detalhes ainda pode permitir novas explorações, assim como na pesquisa que estamos realizando. Há muitos detalhes, pois o universo infantil é vasto e cheio de artimanhas que desconhecemos, ou, no máximo, conhecemos ainda muito pouco.

Cabral conclui também em seu trabalho, que os relatos colhidos e analisados, além de apontar para os padrões de comportamento, de criação e de educação infantil nos anos de 1930 a 1980, podem também representar o último testemunho sobre o lúdico enquanto atividade exercida em espaços livres (como ruas, terrenos baldios), “marcando a experiência cotidiana de pessoas e lugares que hoje,

desprovincianizados, se preparam para um novo modelo de sociabilidade". (CABRAL, 1994, p.58).

Porém, Cabral também destaca que as brincadeiras nas ruas ainda sobrevivem, em menor proporção do que há algumas décadas, nas cidades do interior, e este é o caso do bairro Jardim São Dimas.

Gouvea (1992), ao analisar crianças da periferia de Belo Horizonte, também esclarece que na periferia, mesmo nas grandes cidades, as brincadeiras nas ruas continuam presentes.

Continuando com o relato das brincadeiras encontradas no bairro Jardim São Dimas, é preciso salientar que as crianças, nas ruas, sempre brincam em grupos, diferentemente do que foi encontrado nos outros bairros e será explicitado mais tarde, quando tratarmos de analisar as crianças das camadas sociais mais abastadas. Segundo Brougère:

(...) as crianças brincam juntas porque a atração do coletivo prevalece, a possibilidade de fazer sozinha o que ela quer não é suficiente para contrabalançar o prazer de brincar com iguais. A brincadeira coletiva pode, mais facilmente do que a brincadeira solitária, dispensar a atividade enquadrada pelo objeto, ao oferecer uma outra forma de sustentáculo à ação. Nas brincadeiras tradicionais existe esse enquadramento, bem como nos jogos esportivos nos quais o objeto não está ausente (por exemplo, a bola), mas reduz ao que permite a atividade regulamentada. (BROUGÈRE, 2004, p.271)

Contrapondo-se a esta afirmação de Brougère, encontramos, nos outros bairros pesquisados, crianças que brincam sozinhas em seu quarto durante o dia todo com o videogame ou no computador, e isto é um fenômeno recente e crescente nos dias atuais, o que analisaremos em outro capítulo.

Voltando às ruas, a brincadeira *passar-anel* é um tipo de atividade que une o grupo de meninos e o de meninas. Como já foi demonstrado em pesquisa anterior⁷, consiste em uma criança colocar uma pedrinha ou um anel nas mãos de outra criança. Em seguida, a criança que colocou o anel nas mãos de outra escolhe uma terceira criança para adivinhar quem é a criança que está com o anel. Se a escolhida para adivinhar não acertar, receberá um castigo.

A brincadeira *gosta deste* consiste em uma criança colocar a mão sobre os olhos de outra enquanto as outras crianças ficam sentadas. Apontando para as crianças uma a uma aleatoriamente, a que está em posição de “tampar os olhos” pergunta à de olhos tampados: “- Gosta deste?”, apontando para uma criança de cada vez. Assim, quando a criança de olhos tampados responde que gosta de uma determinada criança, sem saber a quem está se referindo, a que está lhe tampando os olhos questiona: “- O que você dá para ele?”, e aí a criança pode responder o que quiser, como um beijo, um abraço, um tapinha ou até mesmo um chute.

No bairro Jardim São Dimas, além de desejos como um beijo, um tapinha ou um chute – estes também encontrados na pesquisa realizada na favela Parque das Nações da cidade de Marília/SP, também encontramos desejos como: beijinho na boca, beijinho no pé, beijinho no chão e até mesmo beijinho em cachorros de rua.

⁷Esta brincadeira, assim como a brincadeira *gosta deste*, também foram encontradas na pesquisa de Iniciação Científica *Brinquedos e Brincadeiras: a infância na favela Parque das Nações* – ver nota n.3.



A brincadeira *amarelinha* consiste em desenhar quadrados no chão com números de um a dez, e as crianças jogam pedrinhas nos quadrados - primeiramente no número 1, depois no número 2, e assim por diante. Os quadrados devem ser pisados com um só pé e o que estiver com a pedrinha não pode ser pisado, e sim pulado. Por exemplo: se a pedrinha estiver no quadrado número 3, este não pode ser pisado, mas deve ser pulado, e assim a brincadeira continua até o número 10. O vencedor é aquele que consegue chegar até o quadrado de número 10 sem ter pisado nos quadrados "proibidos".

No bairro, os quadrados são desenhados com giz nas ruas asfaltadas e com pedaços de madeira onde não há asfalto.

A brincadeira *pique-esconde* consiste em todas as crianças se esconderem enquanto uma "bate cara" - ou seja, enquanto uma tampa os olhos e conta até o número 50 ou 100 para que todos tenham tempo de se esconder. Após o término da contagem, a criança que "bateu cara" sai à procura das outras. Se a criança não encontrar nenhuma das que estão escondidas, ela "bate cara" de novo.

Nestas quatro brincadeiras (*passar-anel*, *gosta deste*, *amarelinha* e *pique-esconde*), há interação entre os sexos - tanto os meninos como as meninas brincam. No entanto, há "brincadeiras masculinas" e "brincadeiras femininas", em que as crianças não se misturam, como já foi demonstrado com o exemplo da brincadeira "casinha" e também os carrinhos de rolimã.



As brincadeiras de soldado-ladrão e as brincadeiras de guerra, apesar de, num primeiro momento, nos fazer imaginar que são brincadeiras exclusivas do universo masculino, surgem como algo diferenciado e peculiar na pesquisa.

Pensamos ser interessante ressaltar que, numa brincadeira de guerra por nós presenciada, ocorreu uma situação que nos fez cometer uma intervenção precipitada junto às crianças. Um dia observamos crianças brincando com armas de brinquedo (encontradas em lojas de R\$1,99). Nos dirigimos até o local que brincavam, onde uma menina gritava incessantemente:

_Vamos salvar o nosso país. Coragem soldados!

_Vamos salvar o Brasil. Vamos!

Aproximamo-nos e perguntamos do que se tratava. A menina que gritava e que tinha idade de mais ou menos 10 anos, disse-nos:

_Não atrapalhe nossa batalha.

E continuou:

_Soldados, dividam-se e mostrem quem é o melhor.



Os pequenos soldados (meninos e meninas) saíram correndo e começaram a atirar de brincadeira uns nos outros. Os dois pequenos exércitos eram mistos (havia meninos e meninas nos dois). Um dos exércitos tinha por nome “Águia do Bem” e o outro “Falcão Invencível”.

Enquanto observávamos, a menina (Angélica), que havia solicitado que não atrapalhássemos a batalha veio até nós e disse:

_Os dois exércitos são meus. Eles estão lutando e eu vou escolher o melhor para lutar contra os Estados Unidos e vencer aquele Bush horroroso!

Com surpresa, questionamos:

_Mas você controla os dois exércitos?

Talvez a palavra **mas** tenha sugerido certo preconceito em relação a mulheres liderar exércitos, pois a resposta veio rápida e clara:

_Se você também acha que mulher não pode comandar exércitos, está muito enganada.

Sabemos que as crianças, desde muito pequenas, recebem indicativos de quais seriam as brincadeiras e brinquedos que devem gostar. Meninas ganham bonecas, meninos ganham carrinhos; meninas

usam cor-de-rosa, meninos azul, e assim por diante. Assim como já mencionamos, existem brincadeiras que são social e culturalmente atreladas a universo feminino, e outras ao universo masculino, e isto é reforçado até mesmo nas relações entre as próprias crianças. Silva salienta que em alguns momentos, as meninas da Zona da Mata **não** aceitam com resignação o papel a elas atribuído. E é isto que Angélica está fazendo – não aceitando o papel culturalmente a ela atribuído. E como Angélica controlava um exército composto por meninos e meninas, este fato pode indicar uma alteração das relações de gênero, já que os meninos aceitaram ser liderados por uma menina.

A pipa⁸ é outro brinquedo muito utilizado no bairro. Normalmente são feitas com papel de seda e varetas de bambu. No próprio bairro existe uma loja que vende o material para confeccioná-la, mas também vende a pipa pronta (o custo é de R\$0,50).

Nas visitas, em nenhum momento vimos meninas confeccionando pipas, mas vimos muitas meninas brincando de soltar pipa. Novamente aqui, o ato de criação da pipa é um momento de intensa sociabilidade entre os meninos.

Perguntamos a algumas crianças as técnicas utilizadas para que a pipa voe bem alto, e todas nos ensinaram sobre de que lado deve vir o vento para que a pipa decole, que tipo de vento pode estragar a pipa ou arrastá-la para lugares não desejados, entre outras dicas.

⁸ Em alguns lugares, a pipa também é conhecida como *papagaio*.



Conversamos também sobre o bastante comentado “cerol”⁹, e apesar de saberem o quão perigoso pode ser, algumas crianças utilizam esta prática para cortar a rabiola¹⁰ de pipas de outras crianças.

Deixando o universo das pipas, não poderíamos deixar de destacar esta importante atividade que acontece no bairro Jardim São Dimas, assim como no restante do Brasil, que é o futebol.

As brincadeiras de futebol também acontecem nos terrenos baldios. Aliás, em dois terrenos há traves de madeira velha para que as crianças possam jogar, e assim como já pudemos constatar na pesquisa *Brinquedos e Brincadeiras: a infância na favela Parque das Nações*, muitos meninos sonham em ser grandes jogadores de futebol no futuro.

As meninas também jogam, no entanto com presença bem menor que os meninos.

Nos diálogos estabelecidos com os meninos, quase todos afirmaram desejar ser jogadores de futebol, e quando questionados sobre o porquê deste desejo, deram respostas sempre enfatizando a questão econômica.

Rogério: *Eu vou ser um grande jogador. Melhor que o Ronaldinho.*

P: *E por que ser jogador?*

⁹ Pasta feita com cola e vidro estilhaçado que é passada na linha da pipa, a fim de cortar pipas de outras crianças.

¹⁰ Fio de linha com pedaços de plástico (feito com sacolinhas plásticas de supermercado), que saem da pipa e servem para adorná-la.

Rogério: *Porque ganha muita grana. E pode ter muitas namoradas.*

P: *E você, Felipe, por que quer ser jogador?*

Felipe: *Por causa do dinheirão que os caras arrumam.*

P: *Mas você gosta de futebol?*

Felipe: *Eu gosto.*

P: *E de outras coisas, o que mais você gostaria de fazer?*

Felipe: *Só quero jogar bola e ganhar dinheiro. Só isso.*

Marcos entra na conversa:

Marcos: *Eu também quero jogar no Palmeiras e comprar um montão de coisas.*

P: *Que coisas?*

Marcos: *Coisas, é ... carro, mulher, casa legal.*



Todas as respostas sempre levam à questão econômica, ao poder de comprar o que desejarem, inclusive a mulher. Isto não é difícil de entender, levando-se em consideração que os jogadores de futebol sempre aparecem na mídia com lindas modelos e atrizes. Desta maneira, os meninos acreditam que quando se tornarem grandes jogadores, também poderão ter lindas mulheres, ou até mesmo comprar lindas mulheres.

A influência da TV nas respostas dos meninos é bastante clara, já que o tempo todo nos noticiários de esportes e também nos telejornais, são transmitidas imagens de jogadores de futebol com lindas mulheres. É provável, quando as crianças falam em comprar mulheres, que tenham ouvido seus pais ou outras pessoas dizerem que os jogadores precisam dar muito dinheiro e presentes para que lindas mulheres namorem com eles. O fato é que as crianças, ainda muito novas, conhecem as artimanhas do mundo materialista e consumista em que vivemos.

Saímos dos jogos de futebol para os desfiles de moda, pois também encontramos tais brincadeiras entre as crianças. Neste caso, as crianças vestem-se com roupas de suas mães e desfilam pela calçada. É uma atividade praticada especialmente por meninas, mas notamos a presença de dois meninos na brincadeira.

O interessante é que nestes desfiles há júris (que são as crianças que logo depois também desfilarão e serão julgadas), há notas para a roupa, para o desempenho no desfile e também para a “modelo” mais bonita.



Esta é uma brincadeira que gera muitas brigas entre as meninas.

Em um dia, dois meninos que haviam desfilado e depois tornaram-se jurados, acabaram deixando a brincadeira com a seguinte fala:

— Não dá para brincar com estas meninas. Uma quer matar a outra.

As brigas normalmente ocorrem porque as meninas sentem ciúme da “modelo” que atinge a maior nota, ainda mais quando é no quesito beleza.

Fomos convidadas, em certa situação, para compor o júri do desfile, mas consideramos por bem não aceitar, pois como já foi explicitado, qualquer deslize pode fazer com que a criança perca a confiança no pesquisador. Desta maneira, não poderíamos nos colocar no papel de júri, já que necessitaríamos escolher algumas crianças, podendo gerar ciúme e perda da confiança. Agradecemos o convite e ficamos apenas observando.

Também perguntamos às meninas o que pensam sobre meninos brincarem de modelo e desfilarem nas passarelas das ruas e todas acham normal e legal que seus colegas brinquem.

Quanto aos meninos, alguns consideram a brincadeira muito legal e outros nem passam por perto quando há esta brincadeira. Seguem algumas falas:

Guilherme: Esse negócio de modelo é para menininha.

Beto: Eu também acho. É para essas fresquinhas, né?

Marcos: É isso aí. Esse negócio de passarela é só para mulher.

Estas brincadeiras são recentes e tem a ver também com a influência da TV. Sobre isto, Brougère esclarece que:

Quer a lamentemos, quer nos resignemos ou a aceitemos com entusiasmo, a mídia desempenha nas sociedades ocidentais um papel considerável, tanto entre os adultos quanto entre as crianças. No que se refere a estas últimas, existe um debate acalorado interminável. (...) É fato que nossa cultura e, talvez, mais ainda a das crianças, absorveu a mídia e, de um modo privilegiado, a televisão. A televisão transformou a vida e a cultura da criança, as referências de que ela dispõe. Ela influenciou, particularmente, sua cultura lúdica. (Brougère, 2000, p.50)

Levando-se em consideração as palavras deste renomado pesquisador dos brinquedos e das brincadeiras, torna-nos claro o motivo que leva meninos a falar em "comprar mulheres" e meninas a competir em desfiles de moda, já que a cultura lúdica das crianças também é influenciada pela TV e, portanto, suas brincadeiras refletem o que apropriam das informações que recebem durante os programas televisivos.

Para finalizar, queremos voltar a falar da rua como espaço de socialização e de sociabilidade, já que é assim que a vemos no bairro Jardim São Dimas.

Gouvea observa que, no processo de modernização das cidades, não há só o deslocamento do espaço das brincadeiras, como também, e

conseqüentemente, o desaparecimento dos jogos de rua tipo amarelinha, pega-pega, cabra-cega, piques, entre outras. (Cf. GOUVEA, 1992).

Em contrapartida, não é esta realidade que vemos no bairro Jardim São Dimas. Acreditamos, sim, que a tecnologia e a violência dos dias atuais trouxe uma perda da sociabilidade das crianças de camadas sociais abastadas, e isto discutiremos em outro capítulo com a análise de crianças moradoras dos bairros Jardim Botânico, Campos do Botânico e Novo Horizonte, mas, nas periferias das pequenas e até mesmo das grandes cidades, a reclusão das crianças apenas dentro do ambiente doméstico é muito difícil de se encontrar, especialmente porque as casas são muito pequenas e as famílias costumam ser numerosas, o que impede que as crianças permaneçam em suas residências.

Desta forma, a rua continua sendo espaço lúdico para as crianças da periferia, onde a sociabilidade – entendida como forma de trocas de informações, recuos, avanços, aprendizados e ensinamentos, continua a acontecer.



CAPÍTULO 5 - “A INFÂNCIA COMPUTADORIZADA”: VIDEOJOGOS E INTERNET NAS BRINCADEIRAS INFANTIS

5.1 – Computadores e infância: um fenômeno recente

Como já mencionamos, as brincadeiras infantis no bairro Jardim São Dimas ocorrem nas ruas, já as brincadeiras nos bairros Jardim Botânico, Campos do Botânico e Novo Horizonte ocorrem, na maioria das vezes, no interior da casa e, principalmente, no quarto das crianças. E desta forma, na situação dos três últimos bairros, o computador, o videogame e a televisão são os grandes companheiros das crianças.

Atualmente, a informática é utilizada por um grande número de pessoas. Mesmo que sua penetração não ocorra em diversos estratos sociais, a difusão da palavra internet, e-mails, rede, computador, mundo digital, etc., são termos do dia-a-dia da população brasileira e mundial.

Existem pesquisas sobre condições socioeconômicas que regularmente divulgam o percentual de pessoas que têm acesso ao conjunto computador/internet. De maneira geral, os dados revelam que a maior parte dos usuários de computadores/internet é composta por pessoas com médio e alto poder aquisitivo. Desta forma, é compreensível que, apesar das crianças pobres não terem acesso a computador/internet, conheçam as expressões mais comuns e já tenham visto ou utilizado um computador, seja na escola, no supermercado ou em lojas. Certa vez, uma criança do bairro Jardim São Dimas comentou:



E-mail é uma mensagem eletrônica.

Pesquisadora: E o que é uma mensagem eletrônica?

É assim...como se fosse uma carta...é...você escreve a mensagem e aí o outro recebe no computador dele...não usa correio, sabe? A mensagem chega através de antena, de radar...assim, deste jeito que eu falei, sem o correio.

Pesquisadora: Você já viu como se faz?

A moça do mercado me mostrou. O namorado dela mora em Piracicaba e ela fala com ele assim...é...pelo computador, todo dia. Maior legal.

Segundo Dornelles:

A tecnologia da informática ainda é cara. No Brasil um aparelho novo de computador é vendido, em média, por 1.500 reais. Considerando que o salário mínimo atual é de 240 reais, então um computador pessoal custa em torno de seis vezes esse indicador. Embora o mercado tenha gerado uma série de condições que facilitam a compra do aparelho - em vista da grande demanda - ainda assim é uma aquisição dispendiosa. Devido a essas condições, ainda não é uma tecnologia que atingiu as massas na forma de bem de consumo, tal como já aconteceu com a televisão e, muito antes, com o rádio. (DORNELLES, 2004, p.2)



Dornelles, ao realizar uma pesquisa antropológica acerca da internet na cidade de Porto Alegre, considera que é cada vez mais comum e compreensível que seja possível bater papo, conhecer pessoas, fazer amigos e até mesmo namorar via computador/internet. Segundo o autor, há uns três anos esses temas levantavam dúvidas, desconfiança e muito mais discussão nos veículos de comunicação, principalmente na televisão. Hoje a situação parece ter se acomodado em decorrência de uma familiarização com o fenômeno. O panorama é menos de questionamentos sobre a possibilidade de existir relacionamento social via internet e mais de tomada de opinião sobre a questão. Ou seja, hoje sabemos que as crianças, os adolescentes e os adultos entram em salas de bate-papo. Em nossa pesquisa, percebemos que as crianças gostam muito de utilizar o MSN – este programa permite conversar somente com amigos, diferentemente das salas de bate-papo (ou *chat*), onde não é possível selecionar pessoas com quem se quer conversar.

As crianças entrevistadas nos bairros mais abastados demonstraram, em suas falas, que brincam muito tempo diante do computador, seja em jogos ou conversando com os amigos através do MSN – é um programa de mensagens diferente do e-mail, pois é possível dialogar em tempo real com outras pessoas através de mensagens escritas. Três das crianças entrevistadas também possuem um pequeno microfone que é instalado no computador e, assim, é possível escutar a voz de outras pessoas que também estejam conectadas. Uma das crianças entrevistadas também possui *web cam* – pequena câmera



instalada no computador, com a qual é possível que as pessoas se visualizem em tempo real.

Em nossas conversas com as crianças dos bairros Jardim Botânico, Campos do Botânico e Novo Horizonte, foi fácil diagnosticar que o “grande companheiro” e “amigo fiel” de muitas crianças é o computador, sejam estas meninas ou meninos. Felipe, de 09 anos, afirmou que gosta de brincar dentro de seu quarto com seu computador:

Eu gosto de brincar aqui. Eu posso conversar com meus amigos no MSN ao mesmo tempo que vejo TV e faço o meu dever de casa.

Márcio, de 09 anos, também foi categórico:

Eu adoro ficar no computador. Se pudesse, eu só ficava no computador, nem ia prá escola.

Pesquisadora: E você vai à casa de algum amigo de vez em quando?

Saio de casa para ir à casa do Serginho.

Pesquisadora: E lá vocês brincam de que?

A gente brinca no computador.



Pesquisadora: De que?

De conversar com outros amigos.

Pesquisadora: Como assim?

A gente fala com o Dudu, o Cauê e o Dênis no MSN.

Ou seja, mesmo quando Márcio vai até a casa de algum amigo, a brincadeira entre eles é diante do computador, através de conversas com outros amigos.

Paulo, de 10 anos, nos informou:

Eu adoro os jogos porque a gente pode ficar vencendo as fases...tem fases, você sabe, a gente tem várias vidas e depois morre...é...morre quando perde o jogo. Quando eu consigo passar por uma fase difícil, entro no MSN e conto pro meu amigo que passei...a gente compete quem vence mais...tem jogo que eu sou melhor, mas tem também vezes que o Murilo ganha.

Pesquisadora: E dá para ensinar alguma coisa pelo MSN? Você ensina a ele como faz para ganhar alguma fase?

Ah dá! Eu ensino...dou a dica que ele pode seguir para ganhar mais vidas no jogo...,aí demora mais para morrer. Ele também me dá dicas...algumas.

Para Huizinga, "...o jogo não é vida 'corrente' nem vida 'real'. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida 'real' para uma esfera temporária de atividade com orientação própria". (HUIZINGA,1976,p.11).

Ainda para Huizinga:

No jogo existe alguma coisa "em jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamando "instinto" ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamar-lhe "espírito" ou "vontade" seria dizer demasiado. Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato do jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência. (HUIZINGA,1976,p.4)

Paulo brinca em seus diversos jogos no computador e conta a seu amigo quando desvenda algum modo de passar de fase ou "ganhar vidas" (vocabulário comum nos jogos de computador e videojogos, que significa que haverá fases mais complicadas durante o jogo, portanto, o jogador deve vencer alguns obstáculos que lhe dão direito a mais vidas e, a partir daí, o jogador utiliza as vidas que ganha ao longo do jogo para se imunizar, tornando as chances de ser derrotado menores). Ou seja: o fato de compartilhar as façanhas do jogo, ainda que não pessoalmente com o amigo, confere prazer a Paulo. Huizinga considera que:

As comunidades de jogadores geralmente tendem a tornar-se permanentes, mesmo depois de acabado o jogo. É claro que nem todos os jogos de bola de gude, ou de bridge, levam à fundação de um clube. Mas a sensação de estar "separadamente juntos", numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e

recusando as normas habituais, conserva sua magia para além da duração de cada jogo. O clube pertence ao jogo tal como o chapéu pertence à cabeça. (HUIZINGA, 1976, p.15)

Assim como esclarece Huizinga, partilhar algo importante, assim como o descobrimento de uma nova façanha do jogo que poderá ajudar as crianças a “ganhar mais vidas” é muito importante. Distantes de corpo, mas juntas nos interesses, as crianças se comunicam, ensinam umas às outras, aprendem umas com as outras, e assim exercitam um tipo de socialização e de sociabilidade diferente do que estamos habituados, no entanto, não sabemos ainda se para melhor ou pior. No mínimo, é diferente.

Huizinga também salienta:

(...) uma das características mais importantes do jogo é sua separação espacial em relação à vida cotidiana. É-lhe reservado, quer material ou idealmente, um espaço fechado, isolado do ambiente cotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade. Ora, a delimitação de um lugar sagrado é também a característica primordial de todo ato de culto. Esta exigência de isolamento para o ritual, incluindo a magia e a vida jurídica, tem um alcance superior ao meramente espacial e temporal. Quase todos os rituais de consagração e iniciação implicam um certo isolamento artificial tanto dos ministros como dos neófitos. Sempre que se trata de proferir um voto, de ser recebido numa Ordem ou numa confraria, de fazer um juramento ou de entrar para uma sociedade secreta, de uma maneira ou de outra há sempre essa delimitação de um lugar do jogo. O mágico, o augure e o sacrificador começam sempre por circunscrever seu espaço sagrado. O sacramento e o mistério implicam sempre um lugar santificado. (HUIZINGA, 1976, p.23)

Se pensarmos o lugar do jogo como um lugar sagrado, em que a delimitação do espaço necessita ser isolada do espaço do cotidiano, conforme sugere Huizinga, fica claro que o espaço do quarto, assim como o espaço da rua, são lugares propícios para o jogo, pois permite à criança

sair do ambiente familiar e real de sala e de cozinha e adentrar no mundo dos prazeres e do faz-de-conta dos jogos.

Quanto às meninas e a utilização de computadores, estas trocam idéias sobre deveres de casa e sobre os trabalhos que os professores solicitam aos alunos, além de bater papo através do MSN. Encontramos alguns casos parecidos. Gabriela, de 09 anos, da terceira série, nos contou sobre um trabalho acerca do “7 de setembro” que a professora havia pedido:

A minha professora falou prá fazer um trabalho do “7 de setembro”, aí eu falei com a Ju no MSN para ver se ela tinha feito e saber em que site tinha buscado.

Pesquisadora: E ela falou o site?

É...ela entrou no Google e no Cadê, tem bastante coisa, depois eu peguei coisas pro trabalho e ficou legal.

Pesquisadora: Alguém te ajuda a fazer?

Não, só na hora de imprimir a minha mãe ajuda, porque eu estrago papel na impressora...é...o resto faço sozinha...eu entendo tudo de internet...acho tudinho.

Há também a declaração de Cíntia, de 09 anos, da terceira série:

Eu fiz um trabalho de moedas do mundo todo para a professora aqui na internet...era sobre os nomes das moedas do Japão, dos Estados Unidos, da França, do Brasil...é...achei tudo na internet sozinha..., antes minha mãe ajudava a fazer...é...quando...é...eu fazia na biblioteca, mas agora faço no computador sozinha.

Gláucia, de 08 anos, também esclarece por que passa tanto tempo diante do computador:

A Taís, a Lu e eu...a gente faz assim...é...faz a lição e depois vai no MSN ver se tá certo...a gente confere.

Pesquisadora: Vocês conferem a lição no MSN todos os dias?

Todo dia que tem lição, a gente faz desse jeito.

Pesquisadora: E você acha que aprende mais assim? É bom conferir?

É, mas a gente conversa também...a gente fala de outra coisa, não só da lição.

Pesquisadora: E sobre o que mais vocês conversam?

De tudo...da escola, a gente combina de ir à piscina no domingo...é...é...ah! de tudo.

Pesquisadora: Você sempre vai à piscina no domingo?

Não. Às vezes.

Pesquisadora: O que você faz nos domingos?

Brinco na internet.

Pesquisadora: Você conversa com a Ju na internet também de domingo?

É...sempre, todo dia, todo dia.

As crianças utilizam os termos *site*, *google*, *cadê* e outros relacionados a computador e internet de maneira muito natural. Os termos já fazem parte de seu dia-a-dia. Assim como já mencionamos, no bairro Jardim São Dimas também encontramos crianças usando o termo *e-mail* sem nenhum desconforto, mesmo não tendo acesso a computadores.

Devemos destacar que, se na década de 1980 a sensação entre as crianças e os jovens era o videogame, nos anos 1990 floresceu a

informática. No entanto, o videogame ainda é muito querido das crianças entrevistadas nos bairros mais abastados e, pelo que pudemos observar, estes aparelhos tornam-se cada vez mais aperfeiçoados. Desta forma, não só a internet, os jogos de computador e o MSN prendem as crianças ao quarto, mas também os videogames e a televisão.

Em meados da década de 1970 os jogos eletrônicos em casas especializadas (*fliperamas*) eram a sensação entre os jovens. Na década de 1980 começou a se popularizar uma nova forma de tecnologia: os *videogames*. Eles eram aparelhos que, conectados à televisão, geravam imagens de jogos. O jogador poderia, via "controle" (uma peça de uns 15 cm de lado, com uma alavanca e um botão), operar as imagens projetadas na televisão e jogar o jogo. Os aparelhos de televisão também estavam se popularizando. Era cada vez mais difícil existir alguma residência na cidade que não possuísse um aparelho de TV. Naquela época ainda existiam os aparelhos coloridos e os preto-e-branco. Quem tinha uma TV com controle remoto era luxo. (DORNELLES, 2004, p.7)

Em nossas conversas com as crianças, ficou claro que, tanto meninos como meninas gostam (e muito) de assistir programas televisivos como novelas, desenhos animados, programas para crianças com brincadeiras, como é o caso do programa da apresentadora infantil Eliana – esta é muito querida por todas as crianças entrevistadas nos bairros Jardim Botânico, Campos do Botânico e Novo Horizonte. Sabemos que a televisão é a grande formadora de opinião em nosso país, e quando tratamos de crianças, a formação de opinião pode se dar de maneira até mesmo mais rápida do que em adultos, pois as crianças ainda não despertaram para a filtragem de informações que nós adultos, podemos e devemos fazer. Para Roso et al:

É através das práticas veiculadas nos meios de comunicação de massa, que um processo quase mágico, veloz e sutil de

mensagens e formas simbólicas, dos tipos mais diversos, passam a interagir com as diversas culturas, criando representações e transformando relações. (ROSO et al,2002,p.3)

Percebemos através de nossas análises que as crianças assistem à televisão, muitas vezes, dentro do quarto, sem que haja um controle dos pais sobre o que assistem. Elas nos contaram alguns de seus programas favoritos. Dentre eles, filmes, novelas, desenhos animados, programas de auditório e, principalmente - e como já mencionamos – o programa da apresentadora infantil Eliana (da rede Record de televisão). Quando questionamos as crianças acerca do que gostam mais no programa da referida apresentadora, muitas delas nos responderam que gostam das brincadeiras de pular corda, adivinhações, dança das cadeiras e corrida – todas brincadeiras que exigem a presença de muitas crianças para serem realizadas. Este fato é algo inesperado, pois se as crianças gostam de assistir brincadeiras que envolvem a presença de muitas crianças na televisão, por que preferem brincar sozinhas dentro do quarto e diante do computador?

5.2 - E os pais? O que pensam disto?

Como vimos, a utilização de computadores e videogames pelas crianças de camadas mais abastadas pesquisadas na cidade de São Pedro é grande. Tentamos, desta maneira, dialogar com os pais para entender o que pensam a respeito.

Através de nossas entrevistas, constatamos que o espaço do quarto acaba sendo o espaço lúdico de muitas crianças, onde todas as atividades são realizadas: lição de casa, brincadeiras com bonecas, com jogos de tabuleiro, com carrinho, e as brincadeiras de videogame e com o computador. Uma mãe nos contou que seu filho Artur, de 08 anos, gosta de almoçar no quarto. Ela nos disse que permite que ele faça isto somente de vez em quando, já que considera que o almoço deve ser em família e sobre a mesa, mas também nos comunicou que Artur come melhor quando faz a refeição no quarto.

Mães e pais também demonstraram grande preocupação com a saúde das crianças, pois algumas realizam exercícios físicos, como ballet, escolinha de futebol e aulas de vôlei. No entanto, algumas crianças não praticam nenhum tipo de esporte, e o fato de ficarem muito tempo sentadas diante do computador (vida sedentária), preocupa os pais.

Seguem algumas falas:

A Glau...desde pequena, gosta muito de brinquedos de botões, que fazem barulho. Acho que por isso gosta tanto de computador,

internet...talvez as cores e o som a seduzam...a internet seduz mesmo...nunca foi uma criança que gostou de boneca...tanto que as tias e as avós perceberam e começaram a dar joguinhos eletrônicos para ela.

Pesquisadora: Ela passa boa parte do dia na internet?

Boa parte, não. A maior parte (risos). Ela fica conversando com as amiguinhas pela net. Como sou psicóloga, penso que isto não seja bom, afinal, o contato humano é importante para a socialização da criança, mas vejo isto como uma consequência do mundo atual...vivemos no mundo das máquinas. Veja bem: antes as pessoas tinham um contato mais humano, aí veio o telefone, e agora a internet. É a amizade à distância, a sociabilidade à distância...é, acho que é isto. Não sei se isto pode prejudicar minha filha. Sempre que posso convido suas coleguinhas para vir aqui em casa, mas elas vêm pouco, e também a Glau não vai muito à casa delas. Elas se vêem mesmo somente na escola. Você não vai acreditar, mas até dúvida do dever de casa é resolvida pela internet entre elas. (risos)

Pesquisadora: Eu sei, ela me disse.

Pois é, o que posso fazer? Vou te contar mais uma coisa que me surpreendeu...é...outro dia teve uma festa de aniversário de um amigo da Gláucia, e aí ele ganhou um computador novo do pai de aniversário, e aí

todas as crianças, depois que o bolo foi cortado, foram ao quarto dele mexer no computador, e ficaram horas lá na internet. Foi aí que parei de me preocupar tanto, porque acho que as crianças estão, de uma forma geral, tendo a mesma infância...que eu chamo de infância computadorizada (risos). A gente fica querendo voltar no tempo e achar que os filhos têm que brincar e se divertir do jeito que a gente se divertia, mas os tempos são outros e eles são felizes assim...acho que é isso, mas não tenho certeza.

Neste caso, a mãe de Gláucia preocupa-se com o fato de a filha trocar informações com suas amigas através da internet, ao invés de conversarem ou tirarem dúvidas do dever de casa pessoalmente, no entanto, a mãe acaba optando por aderir à opção de que estes sintomas fazem parte da infância atual, apesar de não ter certeza se é bom ou ruim.

Sabemos que as brincadeiras e os jogos são de fundamental importância na vida de uma criança, pois é através das brincadeiras e dos jogos que a criança inicia sua percepção sobre o mundo, estabelece laços de sociabilidade com outras crianças, socializa-se e, aos poucos, forma sua personalidade. Conforme Sutton-Smith:

The contents of the social world that surrounds a child, its moral norms and rules, are reflected in play. Accepting a role, a child complies to the rules and tries to act according to them. This improves his absorption of commonly accepted social standards and his formation of moral motivation and voluntary behavior as well as introducing the child into national and general spiritual values. (SUTTON-SMITH, 1997, p.36)

Ou ainda:

Within that inner life, play is a mental process that builds upon and integrates many other processes in the developing child's mind – thinking, imagining, pretending, planning, wondering, doubting, remembering, guessing, hoping, experimenting, redoing and working through. The child at play, using these varied mental processes, integrates past experiences and current feelings and desires. (SUTTON-SMITH, 1997, p.37)

Assim como salientou a mãe de Gláucia, as crianças que passam horas à frente do computador não estão deixando de vivenciar a infância, mas apenas vivenciando-a de forma diferente. Ainda que sem contato físico, as crianças se comunicam, trocam experiências, falam sobre jogos, ensinam, aprendem, experimentam novas sensações, enfim, estão interagindo umas com as outras.

Quanto à preocupação acerca da vida sedentária das crianças, segue fala de uma mãe:

Minha filha não gosta de esporte...acho que puxou a mim (risos),...penso que devo levá-la para fazer academia, alguma coisa, porque antigamente as crianças brincavam muito de correr, e hoje ficam muito ociosas com a TV, o bendito computador, não é mesmo?

Ou ainda, na fala de outra mãe:

Meu filho está muito gordo. Fico com medo...a gente vê tantas doenças que são causadas pela obesidade infantil que dá medo..vou matriculá-lo numa academia ou no futebol, assim se exercita um pouco...aqui em casa é só computador e comida...não há criança que fique magra.

As mudanças nas formas de brincar trouxeram algumas conseqüências para a saúde de alguns meninos e meninas, e isto é um fator pesquisado por médicos e nutricionistas. Pesquisas sobre crianças e adolescentes com vida sedentária e sobre obesidade infantil estão na ordem do dia. Realmente notamos que no bairro Jardim São Dimas todas as crianças são magras e, pelo que pudemos observar, não é por carência de alimentos, já nos outros bairros pesquisados encontramos muitas crianças gordinhas, ainda que nenhuma exageradamente obesa.

Devemos lembrar que todas estas preocupações com os brinquedos e as brincadeiras das crianças, e com as conseqüências que determinadas brincadeiras podem causar na vida delas, sejam estas conseqüências físicas ou psíquicas, nem sempre tiveram o papel importante que hoje possuem. É fundamental relembrar a mudança de perspectiva, no início do século XIX, sobre a concepção da criança e, conseqüentemente, da brincadeira. Segundo Brougère:

Antigamente, a brincadeira era considerada, quase sempre, como fútil, ou melhor, tendo como única utilidade a distração, o recreio (daí o papel delegado à recreação) e, na pior das hipóteses, julgavam-na nefasta. O conceito dominante de criança não podia dar o menor valor a um comportamento que encontrava sua origem na própria criança, através de um comportamento espontâneo. Foi preciso, depois de Rousseau, que houvesse uma mudança profunda na imagem de criança e de natureza, para que se pudesse associar uma visão positiva às suas atividades espontâneas. (BROUGÈRE, 2004, p.90)

Ou ainda:

A imagem do brinquedo sintetiza a representação que uma dada sociedade tem da criança. Não é uma visão realista, mas uma imagem do mundo destinada à criança e que esta deverá construir para si própria. O brinquedo se mostra como um

objeto complexo que permite a compreensão do funcionamento da cultura. (BROUGÈRE,2004,p.95)

O fenômeno do uso da internet por crianças é um fenômeno muito comum nos dias atuais. A internet trouxe, não somente para os adultos, mas também para os adolescentes e para as crianças, novas formas de sociabilidade, e os efeitos disso ainda desconhecemos. Não faremos apologias aos velhos tempos e às velhas maneiras de brincar e conversar das crianças (com contato corpo a corpo), mas podemos afirmar que as formas de sociabilidade dos bairros periféricos ainda são muito parecidas com as de antigamente, ou seja, há outro tipo de sociabilidade que é vivenciada nas ruas, a qual é diferente da que é vivenciada no quarto diante do computador, a qual também é diferente das crianças que vivem a guerra ou das crianças que vivem em hospitais. Não nos debruçamos em análises psico-pedagógicas para entender qual infância é mais saudável. Apenas tentamos demonstrar que, na cidade de São Pedro (interior do Estado de São Paulo), as infâncias de crianças das camadas mais abastadas e de crianças das camadas subalternas possuem algumas semelhanças e muitas diferenças em seu cotidiano.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

INFÂNCIA, GÊNERO E CAMADAS SOCIAIS: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

O que é que faz diferença entre meninos e meninas, em relação ao usufruto do tempo lúdico? Como são as relações de gênero durante as brincadeiras de rua? Como são os jogos infantis? Meninos e meninas gostam das mesmas brincadeiras? E como é que a família, em diferentes camadas sociais, influencia as brincadeiras e a construção dos papéis socialmente e culturalmente atribuídos a meninos e meninas? Mães e pais brincam com seus filhos? Ainda se faz brinquedos em casa ou todos são comprados? – Estas foram questões que nos propusemos a investigar no início deste trabalho e para as quais temos, agora, algumas respostas.

Percebemos, através das entrevistas realizadas que, além de haver diferenças no usufruto do tempo lúdico de meninos e de meninas, há também diferenças no usufruto do tempo lúdico de meninos e de meninas de diferentes camadas sociais. Em outras palavras: garotos de periferia brincam de maneira diversa de garotos com melhor poder aquisitivo, assim como meninas de periferia brincam de maneira diferente de meninas de camadas sociais em boa situação econômica.



Vimos que as crianças de um bairro periférico da cidade de São Pedro brincam nas ruas do bairro e estabelecem, entre elas mesmas, certas regras e normas que regem as brincadeiras em que pode haver interação entre os gêneros, e também as brincadeiras de exclusividade feminina e brincadeiras de exclusividade masculina, como é o caso da preparação do carrinho de rolimã e das pipas pelos meninos e a confecção das roupinhas de bonecas pelas meninas.

Também vimos que as relações de gênero na periferia parecem avançar mais do que em meio a outras camadas sociais, já que meninas chefiavam exércitos, jogam futebol e decidem quando e como os meninos poderão participar de suas brincadeiras.

Nos três bairros pesquisados a respeito das relações de gênero entre crianças de camadas mais abastadas, devemos destacar que as brincadeiras se dão, na maioria das vezes, no espaço do quarto da criança, sem que haja interação (não da maneira a que estamos acostumados) entre as crianças, mas mesmo nos papos através da internet, notamos que é mais comum que meninos falem com meninos e meninas falem com meninas.

E a sociabilidade das crianças, que forma está tomando? Crianças passam grande parte do dia no quarto, em frente ao computador, seja para fazer trabalhos escolares, ver e-mails ou conversar em tempo real com amigos e amigas. Mas este quarto pode ser chamado de “quarto cela” ou de “quarto da liberdade”? As crianças passam horas dentro do quarto, têm total liberdade para viajar o mundo através da Internet e



brincam com os mais diferentes jogos, mas estão ali, limitadas da convivência com outras crianças e de conhecer outros lugares que poderiam gostar de brincar e, além disso, limitadas àquilo que os jogos impõem a elas, impedidas de avançar em alguns aspectos, tirar suas próprias conclusões e fazer suas próprias avaliações acerca do mundo lá fora.

Não podemos esquecer que o quarto, no pensamento de alguns pais, é mais seguro que a rua, e também não podemos deixar de destacar que a maioria das mães entrevistadas nos bairros de camadas sócio-econômicas com melhores condições de vida trabalham, e saber que o filho ou filha está em casa, dentro do quarto, pode trazer a elas, e também aos pais, sentimentos de segurança e de tranquilidade.

Com relação às famílias das crianças e à influência destas nas brincadeiras, notamos diferenças nas transmissões de experiências, já que no bairro Jardim São Dimas, os pais, mães, avós e até uma tia participam das brincadeiras das crianças, seja brincando junto, apenas ensinando algo ou confeccionando algum brinquedo. Este tipo de interação da família nas brincadeiras foi pouco encontrado nos outros três bairros pesquisados.

Sobre a influência de pais e mães no que tange a permissões ou não de brinquedos e brincadeiras acerca do gênero da criança, devemos salientar que tanto no Jardim São Dimas como nos outros três bairros entrevistados, pais, mães e avós influenciam as brincadeiras das crianças e a escolha dos brinquedos, levando-se em conta velhas “marcas” de



brinquedos masculinos e brinquedos femininos, além de esportes masculinos e esportes femininos, comportamentos femininos (que devem ser mais tranquilos) e comportamentos masculinos (em que é permitido maior agressividade).

Destacamos, ainda, que nossas análises foram realizadas a partir do contato com as crianças e com a família no espaço da rua e da casa. Desta forma, analisamos relações familiares e também relações de sociabilidade entre as crianças em um ambiente sem portas e sem janelas como é o caso da rua e que, certamente, propõe maior liberdade a elas. Talvez, ao estudar as relações de gênero e de sociabilidade na escola, pudéssemos encontrar outros dados, destacando que crianças da periferia estudam em escolas públicas e crianças de camadas sociais mais abastadas estudam em escolas privadas, e isto, certamente, nos traria novas informações, especialmente no que tange a permissões, impedimentos, jogos, brincadeiras, relações de sociabilidade estabelecida com professores ou com funcionários, etc.

Nestas conclusões, evidenciamos que as brincadeiras e os brinquedos utilizados por crianças de diferentes camadas sociais são distintos, no entanto, não podemos nos esquecer que as crianças, independentemente de classe social, deparam-se, ao nascer, com um mundo de grande conjunto de cultura acumulada e repleto de regras. Na medida em que crescem, necessitam adaptar-se a este mundo, encaminhando suas brincadeiras para aquilo que seus pais e outras pessoas ao seu redor desejam que brinquem. No entanto, a ação e a

criatividade da criança quebram, muitas vezes, as barreiras impostas por seus pais, demonstrando assim, que a criança é um ator social não apenas subordinado aos adultos, mas que interfere, dialoga, exige e opina, transformando as relações sociais e a vida das pessoas com as quais convive e, desta forma, interage com o mundo e produz cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALANEN, L. Estudos feministas/estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. In: Crianças e jovens na formação da cultura. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.

BRANT DE CARVALHO, M. C. O lugar da família na política social. In: BRANT DE CARVALHO, M. C. (org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 2005.

BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BOLLE, W. Prefácio. In: BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Brinquedos e Companhia. São Paulo: Cortez, 2004.

CABRAL, F. O lúdico e a sociabilidade infantil. In: Cadernos CERU, série 2, n.7, São Paulo, 1994.

DEMARTINI, Z.B.F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

DORNELLES, J. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". In: Rev. Horizontes Antropológicos, vol.10, n.21, Porto Alegre, 2004.



DUARTE DA SILVA, C. et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, n.107, São Paulo, 1999.

FERNANDES, F. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

FERNANDES, R. S. Memórias de menina. In: Cadernos CEDES, vol.22, n.56, Campinas, 2002.

GOBBI, Marcia Aparecida. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1996.

GOULART DE FARIA, A.L. Prefácio. In: Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

GOUVEA, M.C.S. A criança de favela em seu mundo de cultura. In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, n.86, São Paulo, 1992.

HELLER, A. Sociología de la vida cotidiana. Barcelona-Espanha: Ediciones Península, 1977.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: natureza e significado do jogo. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

KRAMER, S. A autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, n.116, São Paulo, 2002.

KOSMINSKY, E. Procedimentos metodológicos e técnicos na pesquisa com crianças assistidas. In LANG, Alice S. S.G. (org.) Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo, Textos CERU, série 2, n. 3, 1992.

MARTINS, J.S. (org.) O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil. 2.ed., São Paulo: Hucitec, 1993.



MONTEIRO, S. Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

NOGUEIRA, O. Pesquisa social: introdução às suas técnicas. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

PEREIRA LEITE, M.I.F. Brincadeiras de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo. In: Cadernos CEDES, vol.22, n.56, Campinas, 2002.

PONTES, F.A.R. e MAGALHÃES, C.M.C. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. In: Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol.16, n.1, Porto Alegre, 2003.

QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

ROMAN, J. Cidadania e vínculo social. In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1996.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: BRANT DE CARVALHO, M. C. (org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 2005.

ROSO, A. et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. In: Rev. Psicologia e Sociedade, vol.14, n.2, Porto Alegre, 2002.

SAFFIOTTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/FCC, 1992.

SARMENTO, M.J. & PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: Sarmento, J.M. & PINTO, M. (coords.). As crianças: contextos e identidades. Portugal, Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, pp. 7-30, 1997.



SARTI, C. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

SILVA, M. R. da. Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da Zona da Mata Canavieira Pernambucana. In: Cadernos CEDES, vol.22, n.56, Campinas, 2002.

SILVA DIAS, M. O. Conferência de Abertura no XIV Encontro Regional de História da ANPUH: Interpretações e Sujeitos na História, São Paulo, junho/1997.

SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. In: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, n.112, São Paulo, 2001.

SUTTON-SMITH, Brian. The ambiguity of play. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

THOMPSON, P. A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida. São Paulo: Summus, 1990.

THORNE, Barrie. Gender Play: Girls and boys in school. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1999.

WHITAKER, D.C.A. Nas franjas do rural-urbano: meninas entre a tradição e a modernidade. In: Cadernos CEDES, vol.22, n.56, Campinas, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ARENDT, H. Que é autoridade? In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BERGER, P.L. & BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: Sociologia & Sociedade. Rio de Janeiro: L.C.T., 1979.

BERGER, P.L. & LUCKMAN, T. A construção social da realidade. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1974.

BUCCI, E. Sociedade de consumo (ou o consumo de preconceitos). In: O Preconceito. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

CARDOSO, R. A cidadania em sociedades multiculturais. In: O Preconceito. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

Da MATTA, R. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FORACCHI, M.M. A participação social dos excluídos. São Paulo: Hucitec, 1982.

GOFFMAN, E. Estigma. 4ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOMES, J. V. Família: cotidiano e luta pela sobrevivência. In: BRANT DE CARVALHO, M. C. (org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 2005.

KEHL, M. R. Você decide e Freud explica. In: O Preconceito, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

KOSMINSKY, E. V. A infância assistida. São Paulo, 1992, 353 p., Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.



KOSMINSKY, E. V. A situação familiar das crianças e adolescentes pobres: um estudo dos indicadores sociais utilizados no Brasil. In: Cadernos CERU, São Paulo, n. 05, série 2, 1994.

MANZINI-COVRE, M. L. A família, o "feminino", a cidadania e a subjetividade. In: BRANT DE CARVALHO, M. C. (org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, J.S. Exclusão e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus, 1997.

OLIVEIRA DE ARAÚJO, M. N. Novos pobres: o que há de novo? In: Revista de Ciências Sociais, vol. 27, n. 1 / 2, 1996.

OLIVEIRA, V. B. O símbolo e o brinquedo: a representação da vida. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

PAIS, J.M. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. In: Rev. Análise Social. Lisboa, vol. XXII, n.90, pp. 7-57.

PAIVA, V. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: Parker, R.; Barbosa, R. M. (orgs.) Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ, 1996.

PAOLI, M.C.P.M. Desenvolvimento e marginalidade: um estudo de caso. São Paulo: Pioneira, 1974.

PERLMAN, J.E. O mito da marginalidade: favelas e políticas públicas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

REIS, E. P. Percepções da elite sobre a pobreza e desigualdade. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, n. 42, São Paulo, 2000.

RINALDI, A A . Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do rio de Janeiro. In: Um século de favela. Rio de Janeiro: FGV, 1999.



SAKAMOTO, E. À procura de um teto. In: Rev. Problemas Brasileiros, São Paulo, n. 340, julho/agosto 2000.

SALLES DE OLIVEIRA, P. Brinquedo e Indústria Cultural. Petrópolis: Vozes, 1986.

VITALE, M. A. F. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: BRANT DE CARVALHO, M. C. (org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 2005.



